

tochnit  
geral

p/ tzofim

1º ano · 1º semestre

Vaadat Chinuch Artzit  
ICHUD HABONIM BRASIL  
1978

Í N D I C E

1ª peulá : Introdução do Chanich ao Movimento ..... pag. 2  
2ª peulá : Purim ..... pag. 7  
3ª peulá : Joseph Trumpeldor ..... pag.13  
4ª peulá : A conquista de Canaan ..... pag.17  
5ª peulá : Estabelecimento em Canaan ..... pag.22  
6ª peulá : Escuridão - Retorno a Moisés (peças) ..... pag.28  
7ª peulá : A festa de Pessach ..... pag.39  
8ª peulá : O 1º de maio - o Príncipe Feliz ..... pag.44  
9ª peulá : O Levante do Gueto de Varsóvia ..... pag.59  
10ª peulá : Iom Hatzmaut ..... pag.71  
11ª peulá : Lag Baomer ..... pag.77  
12ª peulá : Justiça ..... pag.83  
13ª peulá : Amizade ..... pag.85  
14ª peulá : Shavuot ..... pag.86

- o o o -

1ª Peolá :

Esta sichá visa introduzir o chanich ao movimento . Deve-se dar a ele as primeiras noções a respeito da tnuá procurando colocar alguns dos nossos valores somados a nossa terminologia .

Deve-se ter claro que pouca coisa será absorvida por ele mas que com o passar do tempo ele irá naturalmente se integrando no âmbito tnuati , tendo sido esta sichá de grande importância na sua formação .

Os pontos que deverão ser realçados são : as shichavot do movimento e seus nomes em ivrit com a sua tradução , qual os trabalhos das shichavot bogrot , qual o número de kvutzot na shichvá de tzofim , qual o significado do tilboshet e da nossa bandeira .

-A Kvutzá : Um grupo de amigos . Valor da amizade e da ajuda mutua . A responsabilidade de cada um e a cooperação no trabalho e nas atividades da kvutzá . Possibilidades para que cada um mostre o que sabe e o que pode fazer . Contar um conto ou alguma fábula , relacionados com o tema de ajuda mútua , trabalho coletivo , etc . Sugerimos um exemplo , que se adaptará por ser o primeiro ano da shichvá ( A união faz a força ) .

Shichvá : Camada . Todos no movimento estão divididos em camadas . Cada camada recebe um nome em homenagem a algo ou alguma coisa importante .

Shichvá de tzofim - Escoteiros

Shichvá de solelin - *Construtor de estradas*

Shichvá de bonim - Construtores

*Shichvá de mordim - revolucionários*

Shichvá de napilin - Inigrantes ilegais . Contar como os jud eus entravam ilegalmente no pais .

Shichvá de magshinin - Realizadores

Shichvá de bogrim - Formandos

Maskir : É a pessoa que centraliza durante seis meses as atividades no movimento . Especificar quem é o maskir atual .

Tiul : Passéios . Salientar a importância do escotismo na tnuá .

### A União faz a Força

Um , homem , andando pelo caminho que leva va a uma cida\_ de próxima , chegou repentinamente a um trecho que o impedia seguir adiante . De um lado levantava-se uma altíssima montanha e do outro um perigoso precipício . No meio do caminho havia uma pedra , que devia ter rolado da montanha . Quis , ele , com as suas próprias fr\_ ças tirá-la do ca minho para seguir viagem , mas a pedra não se me\_ xia do lugar . Infeliz e desanimado , se sentou o homem ao pé da montanha .

Passado algum tempo , veio pelo mesmo caminho um outro v\_ viajante que se deteve com o mesmo problema . Também ele tentou p\_ enrrar a pedra com todas as suas forças , mas a pedra permaneceu no seu lugar . Sendo este um caminho bastante usado pelos viajantes da região , não tardaram a aparecer mais caminhantes , passando cada um pela mesma experiência e sem conseguir nada sentavam-se em pro\_ fundo silêncio . Até que finalmente chegou um homem , de estatura baixa , que vendo aquela cena a sua frente riu muito e gritou aos homens sentados : Oh , como vocês são tolos . Cada um de vocês ten\_ tou tirar a pedra sózinho e fracassaram . Porque não tentam todos juntos em um esforço unido deslizar a pedra para o precipício . Os homens se envergonharam de que um pensamento tão simples não lhes tivesse ocorrido antes , de tão preocupados que estavam pensando e m\_ si mesmos e em seus próprios problemas . Levantaram-se todos juntos empurraram a pedra , esta balançou e rolou até embaixo .

Observação : Relacionar este pequeno conto com o principio que se quer introduzir na kvutzá , de ajuda mútua e trabalho coletivo , o principio no qual se baseia o kibutz . O madrich deverá sugerir aos chanichim que procurem e contem na peolá seguinte contos e fábulas sobre o tema .

### O Terno Novo

A muitos anos atrás , numa pequena aldeia judaica no inte\_ rior da Rússia , vivia um jovem , com seu pai alfaiate .

Todo o ano , quando se aproximava o Pessach , o jovem sonha\_ va em receber do pai uma roupa nova para ir a sinagoga . Todo o ano ,

sobrava tempo para aprontar uma roupa para si e para o filhp .

Quando iam à sinagoga eles ficavam lá atrás para que ninguém os visse com aquelas roupas velhas e o menino então sonhava , sonhava com o dia em que entraria na sinagoga com o seu terno todo branco , e quando estivesse entrando todos interromperiam suas rezas para cumprimentá-lo , olhariam para ele com olhos de admiração . De repente ele acordava , e as rezas já haviam terminado , todos haviam saído da sinagoga para casa para fazer o primeiro seder , todos haviam se cumprimentado , mas ninguém havia lhe dito TIT CHADESH . Então voltaram para casa e o pai seguira trabalhando pois dependiam disso para viver.

Naquele ano , no entanto , as coisas haviam piorado . Havia se mudado para a aldeia um novo alfaiate da cidade , trazendo consigo uma máquina moderna e novos modelos . E muitos dos fregueses do antigo alfaiate haviam se mudado para ele .

O inverno daquele ano estava terrível e o pai do jovem , já velho , havia ficado doente , não podendo trabalhar durante algum tempo . Seus poucos fregueses já estavam a reclamar que seus ternos não ficavam prontos até o Pessach . O pai chamou o filho , e lhe explicou da situação , pedindo a ele que realizasse as entregas dos ternos lhe poupando assim um tempo precioso para que pudesse acabar as encomendas .

Assim durante quinze dias , o jovem saía à noite com as suas roupas velhas e desgastadas e fazia a entrega das roupas para os poucos fregueses de seu pai .

Mas o inverno estava agitando os moradores da aldeia . Ninguém se aventurava a sair de casa a não ser o pequeno jovem , na esperança de ganhar naquele ano de seu velho pai , um terno novo para ir à sinagoga .

Todos aqueles dias andando sob aquele frio fizeram com que o jovem adoecesse . Faltando tres dias para o Pessach , ele caiu de cama . Seu pai chamou o médico e ele lhe disse que o jovem estava muito doente .

O que parecia ser uma gripe forte , transformou-se numa pneumonia . Nos dois dias seguintes ele delirava , falando de seu terno novo, dizia a todos TIT CHADESH como se estivesse respondendo aos cumprimentos que recebia pela primeira vez por estar de terno novo .

aprontar aquilo que o filho em vida mais havia desejado : Um terno novo todo branco .

Foi assim que no primeiro dia de Pessach , quando o seu corpo passava pelas ruas em direção ao cemitério , ele ouviu pela primeira vez , ao verem o seu filho com o terno novo todo branco , os moradores da aldeia lhe dirigirem : TIT CHADESH .

Observações : Relacionar o conto com o valor do Tilboshet na Tnuá . A roupa não mostra o que somos por dentro , na Tnuá todos nos vestimos iguais para mostrar que somos iguais .

= MISCHAKIM =

1 - Jogo do linho meio linho :

Procedimento : Cada chaver tem um número- 1 linho , 2 linhões , 3 linhões , etc . Cada chaver começa a chamar um outro número da seguinte maneira : seu número mais meio linho , e outro número qualquer mais meio linho . O dono deverá responder e proceder da mesma forma . O chaver que se confundir e falar errado sai .

2 - Jogo do comandante :

Procedimento : Cada chaver recebe um posto militar , desde lavador de privadas até general . Sentam em fila por ordem hierárquica . O general (posto mais alto) deverá dizer -"passei em revista a tropa e notei a falta do ...lavador de privadas (ou outro qualquer)" . O indivíduo chamado deverá imediatamente responder -"o lavador de privadas (no caso) estava presente , quem não estava era ... o marechal" . O marechal se levanta prestando continência , e procede da mesma forma . Quando o indivíduo chamado não se levantar ou se confundir será rebaixado de posto para o lavador de privadas e os outros automaticamente subirão de postos . Ganha o jogador que for menos vezes lavador de privadas .

3 - A letra cancelada :

Procedimento : O madrich corta jornais velhos , várias colunas com a mesma quantidade de texto <sup>5</sup> aproximadamente . Cada chanich recebe

uma coluna e a um sinal dado pelo madrich , inicia a cancelar todos os A e E que encontre . Depois de um determinado tempo , manda-se parar e conta-se cada letra cancelada - um ponto , e cada letra esquecida menos um ponto . Ganha o chanich com maior número de pontos .

#### 4 - Jogo do anel :

Procedimento : Não há passador e a moeda é passada pelos próprios chanichim , pelas suas costas . Quando é dito o JÁ , os chanichim estendem as mãos . Por ordem os chaverim do outro time deverão tentar acertar , apontando uma mão . Quando alguém acertar contam-se as mãos fechadas . Ganha o grupo que conseguir acertar com menor número de mãos abertas (cada mão apontada é aberta) .

#### 5 - Jogo da cadeira :

Procedimento : Chamam-sectres chaverim . Deita-se uma cadeira no chão . O chaver sobe em cima dela e deverá fazer com um giz , um risco no chão . Vence quem riscar mais longe .

#### 6 - Que porei na minha maleta :

Procedimento . É feita a pergunta : O que porei na minha maleta? Os chanichim em ordem deverão responder com nomes de objetos que terminem por ETA ( ex. : Chupeta , gorgeta , etc )

Variação deste jogo :

Procedimento : pergunta - Que porei na minha panela ?

Cada jogador que demorar a responder sairá do jogo .

### TRABALHOS MANUAIS

Dar a cada chanich uma cartolina e desenhar as caras de Ester , Mordechai e Acharshverosh , ou personagens de histórias .

Com cartolinas e papel celofane é possível se fazer caricaturas dos personagens .

Pega-se a cartolina e sobre ela arma-se o desenho . Recorta-se os olhos e a boca e neles por trás cola-se o celofane . O nariz , sobancelhas , barba e orelhas podem ser feitas de pedaços de cartolina e colados sobre o desenho . Depois enrola-se a cartolina dando-lhe a forma de um cone , e na parte superior pode se colocar um chapéu .

Cansado de olhar o mármore branco e as luzes claras de lampiões a gás, desviei o olhar para uma rua lateral.

De um casebre saiu um garoto descalço, maltrapilho, cujos farrapos mal cobriam o corpo. De uma casa parecida, bem em frente, saiu outro garoto, semelhante ao primeiro.

Mal se aproximaram, e eu já não sabia mais distinguir qual delas saíra de uma casa, qual da outra. Ambos, de olhos ardentes. Ambos tiritavam de frio, e talvez de fome, também.

Ouví a conversa dos dois:

- Pronto?

- E tu?

- Também.

- Comeste?

- Não... Meu pai não trouxe o que comer.

- O meu está doente. Mamãe está chorando...

- Vamos?

- É melhor a gente correr... Está frio...

- Seja.

Dispararam como flechas através da cidade. E eu os segui com o olhar.

Detiveram-se diante de uma luxuosa residência.

- Vês? É a casa do meu tio. Disse um deles com orgulho.

O outro apontou para uma casa em frente.

- E aquela é de meu tio.

- Meu tio comprou um cavalo no valor de dezesseis mil.

- O meu tem uma carruagem puxada por cavalos como leões.

- O meu tem mais de mil aldeias.

- O meu mais de cem cidades.

- Bobo. Em casa de meu tio os móveis são de ouro.

- Burro. Os móveis de meu tio são todos de brilhantes.

- E os perfumes de minha tia. Que delícia.

- Valha-me Deus. Minha tia vai todos os dias ao teatro...

- E meu tio, que joga cartas todas as noites...

Hein?



E teimando por muito tempo, por pouco os garotos não se agarraram..  
Um deles deteve-se, afinal.

- Que frio. ... disse, tremendo.

O outro também parou.

- Estou com uma fome louca, disse. Toca a campainha da casa de teu tio.

- Não, respondeu o primeiro, com medo. Meu tio recomendou ao porteiro para que me quebrasse de pancadas.

- O meu recomendou também a mesma coisa. Disse o segundo.

Tristes, ambos inclinaram a cabeça.

- Vamos embora?

- É melhor a gente correr ...

E em meio do caminho:

- Amanhã à noite, nos encontraremos de novo ...

- Sim ... Havemos de nos encontrar ... Darei um sinal ... Cantarei como um galo ...

- E eu hei de responder com um mio de gato.

- Está bem ...

Perdí-os de vista.

#### Observação:

Salientar neste conto a situação ridícula de ambos os garotos.

Sendo as duas bastante pobres desperdiçaram seu tempo tentando provar qual dos dois possuía o tio mais rico. Mostrar que na verdade nenhum dos dois possui o tal tio rico e ridicularizar a riqueza material pelo qual os dois discutiam.

#### Observação :

Nesta segunda reunião pode-se começar a conversar sobre o que deverá ser a maskirut da kvutzá, quais são seus diferentes tafkidim e como funcionará. Se for alguma kvutzá nova, convém sugerir que se eleja depois de algumas reuniões para que os chanichim se conheçam melhor. É conveniente que essa maskirut o mais ampla possível, dando possibilidades a cada um de ser responsável em algo pela kvutzá. Pode também não haver eleições de maskirut fazendo simplesmente denominação de cada um da kvutzá para trabalho definido, isto é mais recomendável para o primeiro ano da kvutzá.

## PURIM

A história que voce vai ler agora passou-se há 2.500 anos atrás, em um país muito distante do Brasil, chamado Pérsia.

Existia na Pérsia um primeiro ministro chamado Hamán, que mandava no seu país mais do que o próprio rei. O rei, chamava-se Assuero e sempre concordava com o que Hamán dizia.

Hamán não gostava dos judeus que moravam na Pérsia. Ele era muito vaidoso e gostava que todos se ajoelhassem diante dele quando ele passasse pelas ruas da cidade. Porém, os judeus não se ajoelhavam diante dele porque eles achavam Hamán uma pessoa igual às outras.

Nessa época o rei resolveu casar-se e fez um concurso para escolher a moça mais bonita da Pérsia. A vencedora foi Esther, uma moça israelita. O rei não sabia que a moça era israelita e gostava muito dela.

Esther tinha um tio chamado Mordechai que vinha sempre visitá-la no palácio. Certa vez, quando Mordechai foi visitar a Esther, ouviu, sem querer, a conversa de dois guardas que estavam planejando envenenar o rei. Mordechai foi depressa contar ao rei aquilo que ouvira; salvando assim a vida do rei.

Então o rei mandou escrever no livro dos acontecimentos de todos os dias, que era necessário premiar Mordechai. Para isso, chamou seu primeiro ministro Hamán e perguntou:

- Hamán. Como voce acha que devemos fazer para agradecer a um homem que salvou a vida do rei.

Hamán, vaidoso como sempre, pensava que o rei quisesse homenageá-lo e respondeu:

- Vossa Majestade deve mandar vestir essa pessoa com os trajes reais, montá-la em seu cavalo e que uma grande personalidade do reino vá a sua frente anunciando:

"Este é o homem que salvou a vida do rei".

No dia seguinte o rei mandou que tudo aquilo que Hamán havia dito fosse cumprido, só que quem montou no cavalo, foi Mordechai e Hamán que tanto queria ser homenageado, foi na frente puxando o cavalo. Desde aquele dia Hamán ficou com muito mais raiva dos judeus e resolveu vingar-se deles mandando matá-los.

Um dia Hamán pediu ao rei para deixar enforcar todos os judeus da Pérsia, e como o rei concordava com tudo, permitiu. Foi mandado o dia 13 do mês de ADAR.

Quando Esther soube disso ficou muito triste e não sabia o que fazer. Veio então, seu tio Mordechai e aconselhou-a ir falar com o rei Asuero, seu marido.

Esther resolveu ir falar com o rei e contou-lhe então que ela era judia, e se aquela lei fosse cumprida ela também iria morrer.

Disse-lhe ainda porque Hamán não gostava dos judeus e mostrou que todos eram bons e não mereciam morrer e pediu ao rei para salvá-los.

Hamán já havia construído uma forca especial para Mordechai, que era a pessoa que ele mais detestava. Porém o rei, quando soube de toda verdade ordenou que aquela forca fosse usada mas .... para enforcar Hamán.

Os judeus, quando souberam que não iriam mais morrer começaram a pular, dançar e cantar pelas ruas, com muita alegria. E todos os anos, nesta data, 14 de ADAR, lembramos com alegria a salvação do nosso povo das mãos do malvado Hamán, brincando e nos divertindo muito na festa de Purim.

### C o n t o d e P u r i m

#### O QUE ACONTECEU COM OS CHAPÉUS DE PURIM.

Um menino trabalhou tres dias e tres noites preparando chapéus de papel para Purim. Eram bonitos e diferentes um do outro. Todos coloridos e enfeitados com papel prateado e dourado.

Quando terminou o seu trabalho escolheu para si o chapéu mais bonito e mais alto, e o colocou na cabeça. Os outros chapéus colocou dentro de um saco, o saco colocou em seu ombro e saiu andando em direção à cidade grande, para vender os chapéus. - Andou, andou, até que chegou numa floresta. Ele estava muito cansado. Colocou o saco no chão, deitou-se na grama e adormeceu.

Na floresta havia muitos macacos. Eles viram o chapéu colorido na cabeça do menino, desceram das árvores e o rodearam para ver melhor. Um macaco achou o saco. Abriu-o, virou-o e todos os chapéus caíram e espalham-se no chão. Os macacos pularam, pegaram os chapéus e cada um pos um na cabeça. Pularam novamente e subiram nas árvores, fazendo muita algazarra e gritaria.

Com tanto barulho, o menino acordou, abriu os olhos e viu os macacos no alto das árvores, todos usando nas cabeças chapéus de Purim.

Espantou-se o menino com isto, olhou para o saco e estava vazio... O menino ficou parado, não sabendo o que fazer. Depois, disse de si para si: - " Se eu pedir aos macacos, talvez eles me devolvam os chapéus".

Virou-se o menino para os macacos e começou a fazer gestos com as mãos, assim, pedindo para lhe devolverem os chapéus.

Os macacos que gostam sempre de imitar o que os outros fazem, viraram para o menino e começaram a fazer gestos, assim, como o menino fazia.

"Eles não me entendem" pensou o menino.

" Vou experimentar assustá-los. Vão ter medo de mim e vão me devolver os chapéus".

O menino pegou uma pedra e jogou onde estavam os macacos. Os macacos fizeram a mesma coisa: pegaram nozes das árvores, abriram e jogaram as castanhas sobre o menino.

Viu o menino que não podia fazer nada para os macacos entenderem e que havia perdido todos os chapéus. Ficou muito bravo. Tirou o chapéu de sua cabeça, jogou para os macacos e gritou:

" Tomem, fiquem também com este".

E sabem o que aconteceu? Os macacos fizeram a mesma coisa que o menino. Tiraram os chapéus de suas cabeças e jogaram para o menino ...

Bem depressa o menino recolheu os chapéus, guardou-os no saco, colocou o saco sobre as suas costas e continuou seu caminho alegre e feliz..

TRABALHOS MANUAIS, CONTINUAÇÃO DOS PREPARATIVOS PARA A MESSIBA.

.x.x.x .x.x. x.x.x.x.x.x.x.x.x x.x

### J O G O S

As compras da vovó - os jogadores em círculo. Dirija-se ao jogador à sua direita: = Minha avó foi a loja e comprou ... uma máquina de moer. Imita o gesto de moer carne enquanto seu vizinho transmite a frase e passa também a imitar o gesto. E assim sucessivamente. Depois de estarem todos "moendo carne", voce dirá: - Minha avó foi a loja e comprou um moedor de carne e um ferro de passar roupa"; e passará a imitar com a outra mão o gesto de passar roupa. Seu vizinho procederá da mesma forma que na vez anterior e assim por diante. Depois se dirá - uma máquina de costura(movimento de perna), uma cadeira de balanço(balanço de corpo para frente e para trás), um pêndulo que marca as horas com o cuco(in-

clinando a cabeça para a direita e para a esquerda e imitação do grito do cuco). Ganha o chanich que fizer sem interrupção todos os movimentos.

#### 2º jogo - Procedimento: OBJETOS

Sobre uma mesa há vários objetos. Depois de deixar que os jogadores observem, o madrich os tapa. Ganha o jogo quem se lembrar de mais objetos.

#### 3º jogo - Procedimento: DESENHOS

Num quadro há figuras geométricas ou uma paisagem. Depois de observá-los durante um minuto, os chanichim devem tentar reproduzi-los.

#### 4º jogo - RIR E CHORAR

Procedimento: os jogadores se colocam em dois grupos e sentam um em frente ao outro, com o madrich no meio. Ao estender a mão para um grupo, se estiver fechada o grupo deve chorar e se estiver aberta deve rir. Com a mão baixa deve haver silêncio absoluto.

#### 5º jogo - BEM E MAL

Procedimento: Quase o mesmo do anterior. O madrich chama dois chanichim e coloca sua mão estendida na frente de ambos, com a palma estendida para cima, deverão falar mal um do outro. Com a palma estendida para baixo um deverá falar mal do outro. Pode-se fazê-los falar um por vez

Terceira Peulá: O leão de pedra ( lenda )

Há muitos anos, vivia em Eretz Israel um grande leão, de cabelos revoltos e olhos ardentes. Vagava por montes e vales, por campos e bosques, e quando tudo estava envolto em silêncio, emitia um rugido com um fragor de um rei. Então, todos os homens e as pequenas criaturas choravam de medo. Quem era esse leão? Por que rugia? E por que andava em todas as partes, como se buscasse algo?

Todos sabem quem era aquele leão. Era o leão sobre o qual cavalgou o herói Bar Cochba, combatendo os romanos. Quando a alma de Bar Cochba foi para o céu, o leão ficou sózinho e começou a rugir: Quem será o herói que montará em mim para combater os romanos? Encontrarei outro herói semelhante? Então, começou a recorrer os montes em procura do herói. Caminhou por toda terra, até que chegou nas montanhas da Galiléia, e rugiu. Aquela foi seu último, pois logo ficou calado. "Não abrirei mais a boca e não rugirei mais, até que apareça em Israel um novo herói!"

Dizendo isto, o leão se encostou na terra e não levantou mais. Ao seu redor havia montanhas e mais montanhas... O leão ficou assim, com tristeza, até que seus olhos cerraram-se, adormeceu e se transformou em pedra. Mas seu coração continuou vivendo.

Passaram muitos anos. As folhas caíram sobre o leão, o vento cobriu-o de areia, até torná-lo irreconhecível. Um dia, seu coração começou a latir, e sentiu-se a terra tremer. "Terra, minha terra - disse o leão - Por que tremes?" E a terra respondeu: "De alegria, meninos e meninas, filhos de Israel saíram do exílio e vem até mim." "E que fazem?" "Cantam" - replicou a terra. "Cantam?" "Cantam e aram, cantam e semeiam, cantam e constroem." "Mas o que isto tem que ver com um herói?" - perguntou o leão. "São todos heróis, mas o herói mais grande é José da Galiléia, José Trumpeldor!"

Ao ouvir isso, o leão gritou de alegria: "Apareceu o herói! Ele surgiu!" "As cigarras voavam baixo, cantando e assoviando." "Belas cigarras, queridas cigarras, o que cantáis?" Elas responderam: "Pip, pip, pip! Surgiu um herói na Galiléia, José da Galiléia. Ele é incansável, de dia trabalha, aram e semeia, e de noite faz guarda na Ga

Galiléia ! O coração do leão latiu com mais força: " Apareceu o herói !  
Ele surgiu !

O leão esperou que o herói viesse até ele. Era noite, o vento soprava. Perguntou o leão: " Eh, vento ? Sopra e canta. " O vento cantou e falou que um grupo de bandidos havia assaltado a colônia, para destruí-la e assassinar seus habitantes, mas os heróis, corajosos, haviam combatido com eles, sem permitir que se aproximassem. " " E o herói ? - perguntou o leão - Onde está o herói José ? " " O herói lutou ! Todos seus companheiros foram feridos e ele ficou só contra todos os bandidos, com uma mão só, contra muitas outras. Ele combateu e venceu, mas no momento de sua vitória, foi ferido e caiu ... " E o vento continuou seu caminho soprando... " Caiu... " - suspirou o leão.

Assim, passou algum tempo mais pensativo e absorto, até que seu coração começou a latir mais fortemente. Para acalmar-se, levantou uma pata e sacudiu a melena com toda força, tirando as folhas e a areia acumuladas durante os anos, e foi novamente um leão vivo e poderoso. Pos-se a caminhar em silêncio pelo lugar onde caíra José, com tristeza, e ali ficou. Levantou a cabeça, saltou um tremendo rugido, cujo eco retumbou nas montanhas. Depois, cerrou os olhos e transformou-se novamente em pedra. Todos os homens da Galiléia ouviram o rugido do leão. No dia seguinte, saíram e encontraram o leão de pedra guardando a tumba de José, o herói. E até hoje está ali.

+++++

JOSEPH TRUMPENDOR - ( 1880 - 1920 ) - Líder sionista. Estudou odontologia, mas apresentou-se como voluntário ao exército russo, perdendo um braço na luta pela posse do Porto Artur, em 1904 - 1905. Depois de libertado do cativeiro japonês, foi elevado ao oficiato. Em 1912, estabeleceu-se na Palestina, tentando, sem sucesso, fundar um estabelecimento agrícola cooperativista. No Egito, durante a I guerra mundial, trabalhou com Jabotinsky, pelo estabelecimento de uma unidade judaica, para lutar ao lado dos ingleses contra os turcos na Palestina. Ajudou a formar o Zion Mule Corps, mas este foi enviado para Galípoli. Como antigo oficial russo, Trumpendor foi excluído da legião judaica.

Em 1917, foi para a Rússia, a fim de organizar os grupos coloni-

zadores judeus para a Palestina, e de sua atividade, surgiu o movimento He-Chalutz. Em 1919, voltou à Palestina, como líder de um grupo pioneiro, e tentou, sem sucesso, reconciliar os antagonismos entre os vários grupos de trabalhadores no país. Organizou voluntários para proteger os estabelecimentos judaicos na Galiléia Superior, e foi morto na defesa de Tel-Chai.

A DEFESA DE TEL-CHAI - Da boa vontade de Feisal, não compartilhou a Administração Militar da Palestina. Sob o pretexto de que era apenas uma autoridade de ocupação, não permitia nenhuma transferência de terras, e apenas as residentes de antes da guerra, concedia licença de imigração. Não levou, absolutamente, a declaração Baufour e tomou a atitude hostil para com a comunidade judaica - atitude que contaminou, rapidamente os líderes árabes.

Foi no norte que se registrou a primeira perturbação. Fazia longo tempo que a Galiléia Superior era um território disputado entre a Inglaterra e a França. A 15 de setembro de 1919, os dois países concordaram em uma linha demarcatória e, em movimento, as forças britânicas se retiraram do norte da Galiléia Superior. As terras francesas, não obstante, não conseguiram ocupar imediatamente a área, e os habitantes árabes armaram-se e rebelaram-se. Existiam quatro comunidades judaicas na área: Metulah - então com 23 anos e habituava a uma resistência heróica aos tempos dos Drusos - e tres aldeias de trabalhadores fundadas durante a guerra: Kefar Giladi, Tel-Chai e Hamara. ( as duas primeiras aldeias eram kvutzot; Hamara era um Moshav ).

Os distúrbios começaram entre os mulçumanos e os cristãos, e por algum tempo, não atingiram as aldeias judias. Mas em fins de dezembro de 1919, Tel-Chai foi atacada. A população defendeu-se e os atacantes fugiram. Mas o ataque se repetiu, e os árabes exigiram que todas as quatro comunidades a eles se juntassem, na luta contra a França. Declararam os judeus, que se conservariam neutros. A princípio, os árabes aceitaram essa decisão, mas não tardou muito e as aldeias se viram sob frequente fogo, cercada por dezenas de milhares de atacantes. O socorro partiu aos judeus do sul, com Trumpeldor à frente, que constatou, a sua chegada, que Tel-Chai e Kefar Giladi estavam já sem víveres, e que



a situação era desesperadora. A primeiro de março da 1920, Tel-Chai foi atacada por um grande número de árabes bem armados a pé e a cavalo. Declararam que estavam ali apenas para ver se havia franceses escondidos, e que não pretendiam molestar os judeus. Trumpeldor permitiu a entrada de alguns oficiais. Ao verem uma jovem judia armada, os árabes tentaram tomar-lhe a arma. Trumpeldor atirou neles e logo os árabes deram início a um ataque em massa. Trumpeldor foi mortalmente ferido e passou o comando a Pinchas Shinguerson, membro do Hashomer. Ao cair da noite chegaram reforços de Kefar Giladi, e os feridos foram removidos. A caminho Trumpeldor morreu. Em seu último alento sussurrou: " Não importa, é bom morrer pelo nosso país". A 3 de março um reforço árabe de grandes proporções, armado inclusive com peças de artilharia, avançou sobre Kefar Giladi e Metulah. Os defensores de Kefar Giladi foram compelidos a abandonar a aldeia e a refugiarem-se nas colinas a oeste com seus amigos os Mutawallas. O xeque Kamil al As'ad, forneceu-lhes suprimentos para que pudessem prosseguir para o sul. Custava a seus hóspedes acreditar que aquele punhado de 80 ou 90 homens tivesse resistido por tanto tempo a um inimigo 40 vezes mais numeroso. Naquela mesma noite, os defensores de Kefar Giladi alcançaram a Telet Ha-Shachar, e com todas as armas. Em fins de julho os franceses entraram, finalmente, no controle da área e dois meses mais tarde os moradores de Kefar Giladi e Tel Chai voltaram a suas aldeias. Ao findar de dezembro, firmou-se um tratado em San Remo, segundo o qual, toda a região, inclusive Metulah, Kefar Giladi e Tel Chai, passava a ser administrada pelos Ingleses tornando-se assim parte do lar nacional Judaico. A defesa de Tel Chai terminara com a retirada temporária, mas ficou como um exemplo e um símbolo para as novas gerações. Por sua causa toda região nordeste foi incluída no território do mandato britânico e no Estado de Israel quando foi fundado.

+ + + + +

Observação: O final da peolá deve ser dedicaçao a preparação da messibá de purim.

## A CONQUISTA DE CANAAN

Ainda durante a vida de Moisés, os judeus haviam dominado grandes áreas férteis a leste do Yarden, que foram destinadas às tribos de Reuven, Gad e metade de Menashe, possuidoras de muitos rebanhos. Conquistadas aos amorreus, essas terras eram adequadas para eles, já que eram dotadas de extensas pastagens. Moisés impôs porémas estas tribos, uma condição para que pudessem habitar as áreas conquistadas. Deveriam ser as primeiras a atravessar o Yarden, a fim de ajudar as demais na conquista do país.

Com a morte de Moisés, tomou o lugar de líder do povo seu auxiliar Yehoshua ben Nun. Yehoshua, já havia lutado nas batalhas contra os povos do deserto, onde adquirira a experiência necessária para dirigir o exército judeu. A liderança espiritual ficou a cargo dos "cohanim" ou sacerdotes, descendentes da tribo de Levi, à qual pertencia Aharon. Entre outros deveres eles estavam encarregados de tomar conta do Aron Hakodesh, isto é, da arca onde se guardam as tabuas da lei. Essa divisão do poder em duas áreas, a militar e a religiosa, foi muito benéfica para os judeus, porque permitiu liberdade de crítica aos que governam, quando estes procediam contrariamente à lei.

Yehoshua preparou o povo para a conquista, procurando cimentar sua unidade. Às margens do rio Jordão, celebrou o Pessach conforme a lei e circundou todos os guerreiros judeus. Otanach afirma que o Brit Milá havia sido deixada de lado durante o período do deserto. Yehoshua ao reintroduzir essa prática, queria unir os judeus e, ao mesmo tempo, distingui-los dos "Cananim" que habitavam o país.

A primeira cidade conquistada foi Jericó, na margem ocidental do rio Jordão. Jericó era fortificada e possuía altas muralhas, o que tornava difícil vencê-la. Yehoshua mandou para lá espiões, com a finalidade de obter um quadro geral da cidade que iria atacar. Após ouvir deles um relatório sobre o estado de espírito dos habitantes, que estavam em pânico diante dos invasores, procurou tirar proveito da situação.

Rodeou por várias vezes, durante dias seguidos, as muralhas de Jericó, amedrontando ainda mais seus habitantes; e no sétimo dia, tomou a cidade e a destruiu completamente. Entre as instruções dadas por Yehoshua aos judeus, estava a proibição de tocar nos objetos pertencentes aos defensores da cidade. A razão para esse procedimento é dupla: por um lado, Yehoshua desejava evitar que o povo sofresse influências, em contacto com os ídolos dos "cananim"; por outro lado, desejava manter a igualdade de todos os judeus, sem que um enriquecesse mais do que outro, por ter tido a sorte de apresar ouro ou objetos preciosos. Se levarmos em conta que a cultura dos "cananim" era pobre, veremos que, provavelmente, o primeiro fator pesou mais do que o segundo. O tanach



O camponês ficou muito satisfeito, e durante toda a noite e o dia seguinte, tirou uma moeda após outra de dentro da bolça. Na outra noite já estava de posse de um saco cheio de moedas. No dia seguinte não havia pão em casa, mas o camponês mas o camponês não gastou uma única moeda para comprar comida.

--Juntarei outro saco de dinheiro e só então jogarei meu presente no rio.

Naquele dia pediu ao vizinho um pouco de pão, e no dia seguinte, foi mendigar pelas ruas, pois, como dizia: --Não me fará mal algum encher outro saco de moedas antes de gastar o dinheiro e jogar a bolça na ravilho-sa no rio. --E assim aconteceu de novo e ainda mais uma vez. Todos os dias saía para pedir esmolas, a fim de manter-se sem gastar dinheiro algum do seu. Depois voltou a tirar moedas da sua bolça. Várias vezes levou a bolça até o rio, pretendendo jogá-la fora, mas tão logo chegava à margem, decidia adiar, a fim de reunir mais um saco de dinheiro.

E assim prosseguiu juntando moedas até o fim de seus dias, jamais gastando um níquel que fôsse, porque não queria separar-se de sua bolça maravilhosa. Morreu riquíssimo, sua casa estava abarrotada de dinheiro juntados em sacos de moeda, mas nem uma migalha de pão foi encontrada.

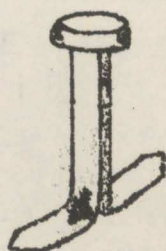
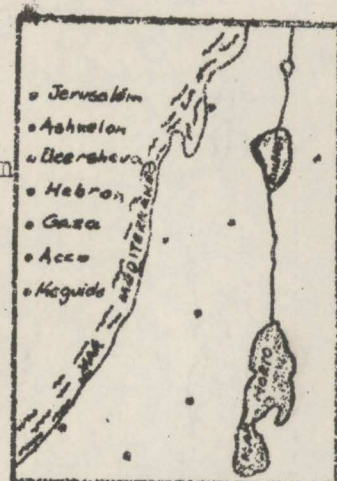
**OBSERVAÇÃO:** Comparar o homem com a kvutzá e sua bolça maravilhosa com a kupá dos chanichim. Demonstrar a inutilidade de se passar a vida a reunir dinheiro sem aproveitá-lo. Poderá acontecer de os chanichim estarem juntando dinheiro na Kupá sem querer gastá-lo. Nesse caso o conto pode servir de lição e o Madrich aconselhará a Kvutzá a comprar algo que todos possam usufruir. No caso de não existir Kupá o madrich deve orientar a discussão do texto para a necessidade da formação de uma.

**Trabalho Manual:** Mapa de Israel com Luz. (para a 4ª e 5ª peulot)

**Observação:** Este trabalho poderá ser feito visando tanto, ilustrar a peulá como dar alguns ensinamentos a respeito de eletricidade. Nas páginas seguintes estão o mapa e as explicações de como realizar o trabalho. O madrich deverá fazer uma cópia do mapa em cartolina para ir ilustrando a peulá e depois aproveitá-lo para a sua reprodução na madeira.

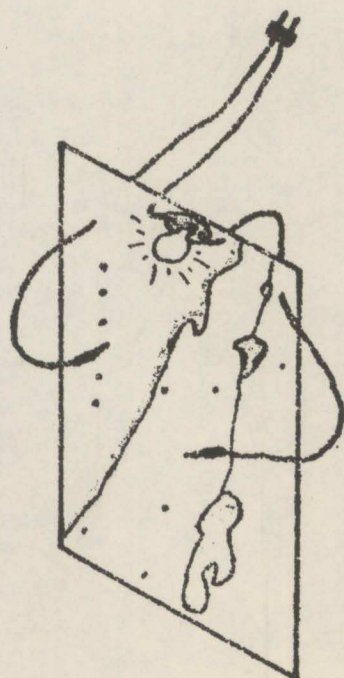
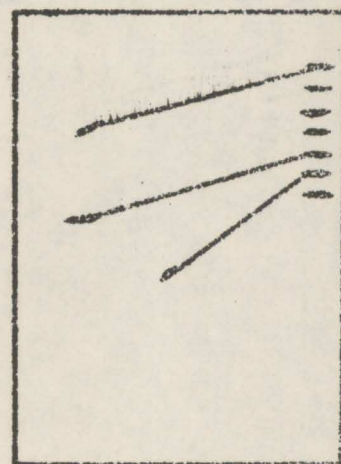
1) Reproduza o mapa ao lado (em anexo na próxima folha) ,  
utilizando o sistema de reprodução por quadros .

Procedimento : Pegue um compensado de aprox. 1,00 x 0,70 m  
e divida-o em 10 partes de altura por cinco partes de  
largura , assim como o mapa na folha ao lado . Logo após  
reproduza cada quadro , ampliando assim facilmente o  
desenho .



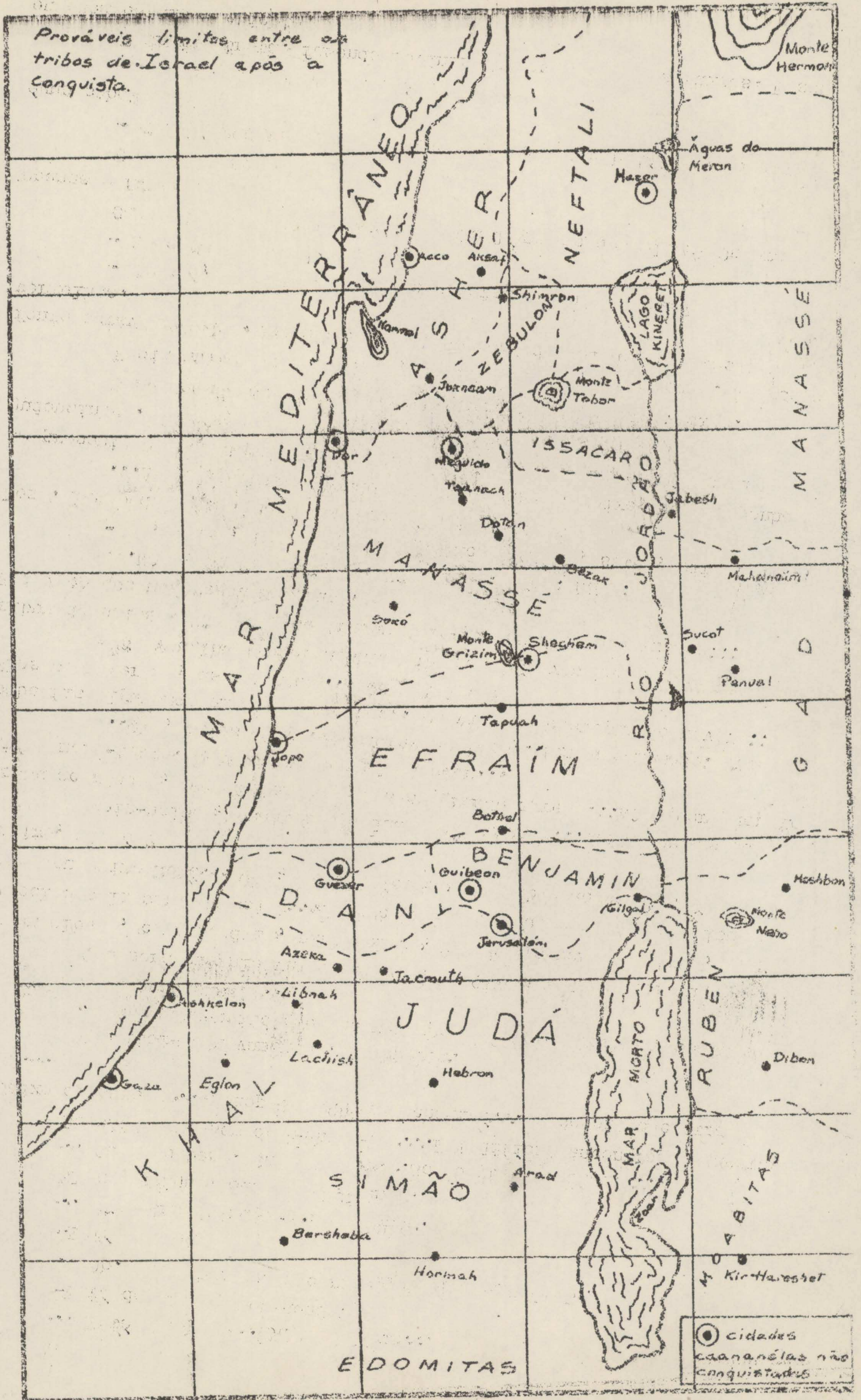
2) Fure o compensado em cada cidade do mapa ,  
e também ao lado de todos os nomes das cidades,  
em uma **coluna** . Feito isto , introduza em cada  
furo feito um colchete para papéis como o da  
figura ao lado.

3) Ligue , na parte traseira do quadro , com fio  
simples número 18 , cada cidade ao seu respectivo  
nome , de um modo bem desordenado de modo que não  
se perceba às relações entre as cidades e os nomes .



4) Parafuse um suporte para lâmpada na parte fron\_  
tal superior do quadro . Um fio N° 18 duplo entra  
através do quadro e um dos seus componentes é ligad\_  
o a um dos bornes da lâmpada . O outro apenas fi\_  
ca pendente . Um outro fio simples é ligado ao ou\_  
tro borne da lâmpada e também fica pendente , Nas  
extremidades dos dois fios pendentes são colocadas  
duas "bananas" . A outra extremidade do fio duplo ,  
leva uma flecha e é ligada à luz . Deste modo ,  
quando as duas bananas estiverem na relação certa  
a lâmpada acenderá .

Prováveis limites entre as tribos de Israel após a conquista.



## 5ª peulá : ESTABELECIMENTO EM CANAAN

Naquela época não existiam mapas. As terras foram sendo ocupadas segundo a força de cada tribo. As mais fortes, Judá e Efraim, apoderaram-se do centro, ficando Judá ao sul de Efraim. Entre ambas, além das cidades canaaneias não conquistadas de Jerusalém, Guibeon e Guezer, ficaram as tribos de Benjamin e de Dan, em territórios bem apertados. Ao sul de Judá foi dado um território semi-deserto a Simão. Ao norte de Efraim a tribo de Manassé( a metade ocidental) apropriou-se de amplo território, ficando restos exíguos para Zebulon, Issacar, Neftali e Asher. Esta última tribo foi em parte absorvida pelos fenícios de Tiro e Sidon, nações poderosas.

A conquista não foi total. Os judeus só destruíram as cidades que se opunham a sua penetração. No resto do país eles se infiltraram pelos campos e pelos montes inexplorados( montes de Judá, de Efraim e de Neftali) e deixaram os canaaneus em suas cidades, inclusive nas da costa mediterrânea. Passaram a cultivar a terra, residindo em acampamentos de tendas ou em aldeias de cabanas, e trocando os produtos agrícolas pelos objetos que os canaaneus fabricavam ou importavam.

A única autoridade local entre os judeus era o juiz, geralmente um ancião, que dirimia as questões surgidas entre os vizinhos. Certos juizes adquiriam prestígio por suas decisões sábias e serviam de instância superior nos casos difíceis. De comum as tribos judias possuíam a religião, conservada tradicionalmente pela descrição, feita oralmente de pais a filhos, da vida dos patriarcas(avot), dos sofrimentos no Egito, da libertação sob a chefia de Moshé, do Decálogo, e da penetração na terra que Deus prometera a Abraão.

Em caso de invasão inimiga umas tribos acorriam em defesa de outras, abandonando os instrumentos de lavoura e empunhando espadas e lanças. Era aclamado um chefe comum, também denominado juiz, ou um profeta. Houve até o caso de uma valorosa mulher(antepassada remota de Golda Meir), a famosa Débora, comandando os judeus na batalha. Mas, desaparecido o perigo, cada um voltava para sua tenda. "Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que bem lhe parecia."

O Tabernáculo foi transferido de Gilgal para Siloh, ponto mais central, onde os ~~judeus~~<sup>judeus</sup> construíram um santuário. Mas as peregrinações a esse local eram raras. O povo começou adorar deuses das cidades próximas. Mas, quando surgia um infortúnio (epidemia, falta de chuvas, más colheitas) os levitas lembravam que era um castigo do deus de Moisés, e a antiga fé reflorava.

#### GUERRA CONTRA HAZOR - DÉBORA

Nem sempre o convívio dos israelitas dos campos com os cananeus das cidades foi pacífico e equânime. Houve ainda algumas lutas, a principal das quais foi contra Hazor, a maior cidade canaanea do norte (ver mapa). Seu rei, Jabin, possuidor de um exército com novecentos carros de guerra, havia imposto um regime de servidão ao povo das tribos de Zebulon e de Neftali, estabelecidas nos campos próximos. Após sofrerem vinte anos de opressão resolveram revoltar-se, e organizaram um exército de dez mil homens, chefiados por Barak e por Débora, a juíza efraimita de grande prestígio, que exercia sua missão perto de Bethel. Jabin, o rei de Hazor, organizou suas tropas sob a chefia do general Sisera, contando ainda com a colaboração do rei de Meguido. Os judeus haviam-se refugiado no monte Tabor, porque nas planícies não tinham possibilidade de resistir aos carros de guerra dos cananeus. Mas, sendo chovido intensamente, e estando os campos encharcados, Barak e Débora desceram do morro com seus dez mil neftalitas e zebulonitas, e destruíram inteiramente o exército de Jabin e Sisera, cujos carros haviam atolado na lama. O rei e seu general morreram na fuga. A seguir os vencedores atacaram e conquistaram Hazor, destruindo-a totalmente, o mesmo fazendo com Meguido.

A Bíblia descreve o júbilo conseqüente à grande vitória através do canto triunfal de Débora.



### INVASÃO NA PARTE CENTRAL

As terras ocupadas pelas tribos de Israel eram mais férteis que as das nações da parte oriental (moabitas, amonitas e madianistas). Esses vizinhos olhavam com inveja a prosperidade judaica e passaram a invadir anualmente o país após a ceifa, para apossar-se dos cereais colhidos.

Surgiu, porém, entre os Benjaminitas, um juiz corajoso, de nome Ehud, que após matar o rei moabita Eglen, convocou gente de sua tribo e dos efraimitas, apoderou-se dos vales do Jordão e passou a massacrar todos os invasores que regressavam com o produto de seus saques.

### INVASÃO NO NORTE

O território das tribos de Manassé, de Asher, de Zebulon e de Neftali foi assolado durante muito tempo por "filhos do oriente", que "vinham montados em camelos, em multidões inumeráveis como gafanhotos". Saqueavam e destruíam tudo "e nada deixavam em Israel para sustentar a vida".

O povo vivia atemorizado. Mas entre os habitantes da tribo de Manassé ocidental ergueu-se um grande líder, Gedeon, que convocou gente de sua tribo e das de Zebulon, Asher e Neftali. Entre eles selecionou trezentos valentes, com os quais atacou durante a noite o acampamento dos depredadores e semeou o terror entre eles. A seguir todos os judeus restantes atacaram, efetuando uma enorme matança. Os sobreviventes fugiram desordenadamente através do Jordão, sendo perseguidos por Gedeon, que os aniquilou por completo. A seu regresso o povo o aclamou rei, mas ele recusou dignamente, continuando a governar como simples juiz.

### TENTATIVA DE ESTABELECIMENTO DO REGIME MONÁRQUICO

Após a morte de Gedeon, um seu filho natural, de nome Abimelech, depois de mandar matar seus setenta irmãos, proclamou-se rei. Mas seu reinado só durou tres anos. Surgiram numerosas revoltas. O povo preferia a vida em liberdade. Abimelech, comandando uma tropa de

aventureiros e mercenários, destruiu a cidade de Shechem, mas, quando atacava Thebez, uma mulher jogou contra ele, do alto da muralha, uma pedra, que lhe quebrou o crânio.

E assim terminou a primeira tentativa de monarquia em Israel.

#### INVASÃO DA MARGEM ORIENTAL DO JORDÃO

A região oriental do Jordão, habitada por uma metade da tribo de Manassé, pela tribo de Gad e pela de Ruben, havia mudado há muito de nome, passando a denominar-se Guilead. Coube-lhe a vez de ser invadida pelos exércitos do rei Amon, seu vizinho do sudeste. Grande número de guileaditas fugiu para o norte, acampando em Mizpa do Guilead. Ali os fugitivos escolheram como chefe um proscrito, de nome Jefté, e se organizaram para a batalha. Iniciado o combate, os guileaditas saíram vencedores, expulsando o inimigo do território disputado.

#### LUTAS FRATRICIDAS

Infelizmente, após a vitória, os guileaditas não puderam retornar imediatamente a seu trabalho pacífico nos campos. Os efrainitas de além-Jordão, apesar de também serem judeus, invadiram seu território, a pretexto de terem sido ofendidos por Jefté, por ele não os ter convidado a lutarem juntos contra o rei de Amon. Sofreram, porém, uma estrondosa derrota e nem todos puderam reatruvessar o Jordão na fuga. Jefté havia-se apoderado dos vales do rio e foi matando todos os fugitivos que chegavam. Para identificar se eram ou não efrainitas, os guardas dos vales exigiam-lhes que pronunciassem a palavra SHIBOLET. Os efrainitas não sabiam pronunciar o Sh. E, em vez de Shibólet, diziam Sibólet. Eram então imediatamente degolados. Morreram assim milhares de efrainitas.

Houve ainda outra luta fratricida, contra os benjaminitas, que se negavam a punir os assassinos de uma mulher, esposa de um levita, que estava atravessando seu território. Da luta só se salvaram seiscentos benjaminitas.

Finalmente, por não terem acudido à convocação para a guerra contra Benjamin, foram mortos todos os habitantes de Jabesh-Guilead, só restando quatrocentas noças, que foram entregues aos benjaminitas sobreviventes para perpetuar a tribo, ameaçada de extinção.

## OS FILISTEUS

Mas novos fatos vieram mostrar aos judeus que ao invés de continuarem desunidos e hostis entre si, deviam congregarem-se, contra um inimigo mais poderoso que todos os anteriores, os filisteus. Eram estes descendentes dos chamados "povos do mar", cretenses e outros ilheus do mar Egeu, expulsos de seus territórios pelos gregos vindos do norte (dórios) e refugiados nas costas da Ásia Menor. Ali, depois de uma ou duas gerações de vida precária, resolveram atacar o Egito, terra famosa por suas riquezas e por sua fertilidade. Iniciaram sua marcha por terra e mar, com inúmeros barcos. E pelo caminho iam saqueando e destruindo tudo o que encontravam. Algumas cidades, como Alalakh e Ugarith, desapareceram para sempre. Outras: Guebel (Biblos), Beris (Beiruth), Sidon e Tiro, foram-se recuperando aos poucos. Também arrasaram as cidades de Ashkelon e Gaza, habitadas por canaaneus. Mas foram detidos no Delta do Egito, onde o faraó Ramsés III fez entre eles uma matança espantosa, aprisionando grande parte dos sobreviventes, enquanto os restantes recuavam e se estabeleciam definitivamente em Gaza, Ashkelon, Gath, Ekron e Ashdot. Estes eram os filisteus. Mais ao norte outro grupo dos "povos do mar", o dos zakaritas, apossou-se de Dor.

Depois de refeitos e estabilizados nas cidades da costa canaanítica, os filisteus começaram a invadir o interior do país, subjugando com suas armas de ferro e suas couraças os canaaneus e os judeus, estes das tribos de Judá, Benjamin e Dan. Obfigavam aos vencidos a pagar-lhes tributo, ao mesmo tempo que lhes proibiam usar qualquer instrumento de ferro.

## SANSÃO

A Bíblia descreve as façanhas de um herói danita, de nome Sansão, que andou fazendo muitos estragos entre os dominadores. Perseguido, refugiou-se na localidade de Lehi, na terra de Judá. Ali foram buscá-lo os filisteus. Os homens de Judá, temerosos, entregaram-no a seus perseguidores. Ess fato indica o grau de terror que os filisteus infudiam entre os vencidos. Sansão, possuidor de força extraordinária, conseguiu soltar-se das amarras e matou mil inimigos. Numerosas outras

façanhas lhe são atribuídas na Bíblia. Finalmente, tendo-se amasiado com uma filisteia, DALILA, esta descobriu que sua força residia nos cabelos. E numa noite, enquanto ele dormia, cortou-lhe a farta cabeleira e entregou-o a seus patrícios. Levado a Gaza, foi ali cegado e encerrado numa prisão. Meses depois resolveram levá-lo ao templo do Deus DAGON, para comemorar seu aprisionamento. No templo, enquanto a multidão se regozijava, Sansão pediu ao rapazinho que o conduzia que o levasse até uma das colunas para apoiar-se nela. Sua cabeleira já havia crescido e ele havia recuperado a força. Abraçou-se a essa coluna e à vizinha, arrancou-as e derrubou o templo gritando: "Morra com os filisteus". Diz a lenda bíblica: -- "Assim foram mais os mortos que matou na sua morte do que os que matou na sua vida".

Mas suas façanhas não conseguiram evitar que os filisteus ocupassem as terras de sua tribo e obrigassem os danitas sobreviventes a emigrar até o extremo norte, junto as Águas de Meron, onde arrancaram aos sidonitas a cidade de Lais, que passou a denominar-se Dan.

### SAMUEL

A guerra dos israelitas contra os filisteus foi longa e sangrenta. Mas serviu para consolidar a nacionalidade. Sua descrição ocupa todo o livro de Samuel. Era este um juiz-sacerdote, que por várias vezes conseguiu congregiar todas as tribos para a luta. A sorte variou, ora a favor dos filisteus, ora a favor dos israelitas. Em uma das batalhas, a de Ebenezer, ou Afek, a vitória coube aos filisteus, que avançaram, destruíram completamente o santuário de Shiloh e se apoderaram da Arca Santa.

Esta vitória lhes permitiu ocupar toda a região ocidental do Jordão (Judá, Benjamin, Dan e Efraim) com exceção da parte norte.

Mais tarde, os Judeus, congregados em Mizpah ( de Benjamin ) e ainda chefiados por Samuel, derrotaram os filisteus, recuperaram grande parte dos territórios ocupados e reaveram a Arca Santa, depositando-a provisoriamente na localidade de Kiriath-Jearim.

Observação: Antes desta sichá deverá ser concluído o trabalho iniciado na peulá anterior, aproveitando-o para concluir o tema.

## 6ª PEULÁ

Conto: O Retrato de Moisés

Quando os judeus saíram do Egito, a fim de conquistar seu país, a Terra de Canaã, todos os demais povos ficaram admirados pela sua ação. Começou a crescer então a fama de Moisés, o pastor e guia do povo, que conseguiu fazer milagres e tirar o seu povo da escravidão. As histórias e lendas sobre Moisés chegaram aos ouvidos de um velho e sábio rei árabe. Este rei admirava e respeitava muito aos grandes homens, e as paredes do seu palácio estavam cheias de grandes gravuras de todos os países, feitas pelos mais renomados artistas do seu reino. Chamou, pois, este rei ao melhor dos seus pintores e disse:

- "Pega tuas tintas e teus pincéis, vá ao deserto, até as tribos de Israel, o povo que o grande Moisés conseguiu tirar da escravidão. Ali, pinte-me com fidelidade um retrato deste famoso homem e traga-me teu trabalho para adornar os salões do meu palácio. Pelo que farás receberá uma recompensa real."

Depois de alguns meses o pintor voltou trazendo o quadro de Moisés.

O rei ficou muito contente com o seu novo retrato. Chamou a todos os sábios que sabiam decifrar os segredos do rosto, e colocando-os em frente ao retrato, ordenou que interpretassem o que aquele semblante revelava, quais eram as qualidades da alma, e em que residia seu milagroso poder.

Os sábios dedicaram-se ao estudo do quadro, decifrando nos traços daquele rosto o que este mostrava. Por fim responderam com única opinião:

- "Vemos e reconhecemos pelo retrato deste homem Moisés uma pessoa de más qualidades, dono de um mau coração, e cruel por natureza, sabe mentir e enganar ao próximo. É ambicioso e violento."

E continuaram os sábios citando as falsas virtudes de Moisés, as quais pareciam não ter limites.

Quando o rei escutou essas palavras, ficou muito bravo, descarregando sua ira sobre o pintor, na certeza de que este tinha realizado um trabalho falso. Será que é este o retrato de um homem tão famoso cujo nome corre de um lado a outro do mundo? Com certeza trouxe-lhe este o retrato de algum outro, e como castigo por ter tentado enganar-lo receberá pena de morte.

Mas o pintor havia jurado e continuava fazendo-o, que ele havia retratado Moisés e a nenhum outro; que o quadro era fiel, e que ele não havia feito nêle nenhuma modificação, seja para o mal ou para o bem.

28  
... e o rei fôz ... mais nada, ...

Então, o que o rei, fêz? Antes de mais nada, mandou prender o pintor, e feito isso, desprezando sua idade e sua condição, saiu para o deserto sozinho, e foi até as tendas dos judeus, a fim de constatar quem tinha razão acerca da apreciação sobre este homem que já se tinha transformado numa lenda.

Chegou o rei ao acampamento dos judeus e entrou na tenda de Moisés; qual não foi sua surpresa ao ver que o pintor não tinha se enganado em seu trabalho, e o rosto de Moisés tinha sido bem reproduzido. Ali estava Moisés, em carne e osso, tal e qual ele o havia visto no retrato em seu palácio. Voltou-se, então a ira do rei contra os sábios da corte, que certamente haviam errado nas suas apreciações, resolvendo que na volta julgaria a todos, pela audácia de se enganarem ao decifrar aquele rosto.

Deu-se conta Moisés que alguma coisa se passava na mente do rei, e pediu-lhe que lhe contasse o sucedido. O rei contou, aos poucos, toda a estória de como no começo, havia acusado ao pintor, mas como agora via a culpa só nos sábios da corte, que se atreveram a decifrar ~~em~~ de forma errada, pelo que haveriam de receber seu merecido castigo.

Moisés escutava o que o rei lhe contava, e um sorriso apareceu em seus lábios. Respondeu, então, ao monarca: "-Não gtires tua ira contra os grande s sábios do teu palácio, pois são profundos e exatos seus conhecimentos dos rostos humanos; os que te falaram acerca de minha natureza e de minhas qualidades não têm nada de imaginação, reconhecendo eles as verdadeiras qualidades em meu rosto.

O rei observava, surpreendido, a Moisés, sem compreender suas palavras.

"Não deve surpreender-se -acrescentou Moisés- é a verdade. Todos os defeitos que leram no meu rosto eu os possuía, e muitos até agora possuo. Tu não sabes que fui educado no palácio do faraó, e mimado por sua filha, e no meio de tantas riquezas e luxos que tanto mal fazem à alma. Por isso, quando cresci e aprendi a conhecer, procurei, por todos os meios, mudar o mal que havia em mim, pois sabia que devia ser guia do meu povo, e servir de exemplo para ele. E assim, durante muitos anos, e até agora, luto contra as más qualidades que possuo, e as venço, uma por uma pela vontade que tenho de conduzir até a liberdade e ensinar-lhe, também a ser melhor do que é, pois também eles viveram e cresceram n m país estranho à nossas leis, e em cada um há qualidades que ali foram adquiridas. Por isso, concluiu, meu povo e eu andaremos sem destino pelo deserto, durante dezenas de anos, até que o povo seja educado, até que nasçam filhos que serão golhores e que haverão de conquistar o país.

O velho rei escutou com admiração as palavras de Moisés , e compreendeu o heroísmo e a força deste homem, que assim venceu, su as más qualidades, tornando-se melhor, a fim de guiar seu povo. -

E como devia ser feliz o povo de Israel, por possuir um guia assim.

### MISCHAKIM:

#### -- Judeus no deserto

A kvutzá se divide em dois grupos. Um grupo prepara uma série de movimentos que imitem atividades que os judeus realizavam na sua estadia no deserto, como: Armar tendas, preparação da "matzá", dançar ao redor do bezerro de ouro, escutar as tábuas da lei, lutar contra os inimigos, guiar-se pelos caminhos durante a noite, etc...

Deverão representar essas mímicas perante o outro grupo, que deverá adivinhar o que representam as mímicas dos outros.

#### --Jogo da ordens ao contrário.

Procedimento: Um comandante dará as ordens aos chanichin. Estes deverão, no entanto, realizá-las ao contrário. Ex: os jogadores estão com um lenço na mão. O madrich dirá: segurem os lenços, e os jogadores deverão largá-los, Cada jogador que se enganar será eliminado.

#### --Tiago disse.

Procedimento: Os chaverim estão colocados em fila diante do madrich. Este dará uma série de ordens. No entanto, somente as ordens procedidas de "Tiago disse" deverão ser cumpridas. Os que errarem vão sendo eliminados.

#### --Catavento.

Procedimento: Os chaverim formam-se em fileira, o madrich determina os quatro pontos cardeais: norte, sul, leste, oeste. Quando o madrich falar: norte, todos deverão se virar para o sul, quando falar oeste, todos viram-se para o leste. Cada vez que alguém errar, perderá pontos. Ganhará o participante que tiver menos erros.

X.X.X.X.X .X.X.X.X .X.X .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X

Observação: Deverão ser iniciados os preparativos para a mes-

sibá de Pessach. Para tanto incluímos na tochnit duas peças de teatro para serem apresentadas pela shichvá de tzofim. O snif deverá preparar a Agadá a fim de que todos participem da Messibá.

### ESCURIDÃO

Banquete no palácio do rei. O Faraó e sua esposa estão sentados no trono. À esquerda e à direita, estão sentados à mesa Itro, Bil'am, os Magos do Egito, e seus sábios. Ao lado da porta em pé, o chefe das bebidas e o chefe das padarias.

Faraó-Acabou-se o gafanhoto. O vento do mar levou-o deixando-nos livres.

Porisso dei este banquete para os sábios da côrte comerem comigo pão e festejarem comigo a salvação.

Todos: Viva o faraó. ( O ministro põe pão e serve a bandeja ao faraó e à rainha).

Rainha: Outra vez peixe, estou cheia de peixe.

Faraó: ( ao ministro das padarias) Vá e traga quiabos, melancias, verduras e faze-nos guloseimas do que gostamos.

Min. das padarias: ( inclinando-se com reverência) O gafanhoto comeu todo o mato e todas as frutas que sobraram do grani-  
zo.

Faraó: Então vá, mate gafanhotos e traganos,

Min. das padarias: Não sobrou nenhum gafanhoto.

Rainha: E não os juntou, cozinhou e encheu reservatórios?

Min. das padarias: Até que eu os guardasse e salgasse eles voaram e des-  
pareceram.

Rainha: ( aos escravos) Tirem isto da minha frente. ( os escravos tiram)

Faraó: ( ao chefe das bebidas) Dá-me o copo ( o chefe das bebidas serve o copo)

Min. das bebidas: Do velho ou do novo, meu rei?

Faraó: (bebe) Vinho escolhido. (Ao chefe das bebidas) Sirva à todos.

Magos: Viva o faraó (bebem)

Faraó: (orgulhoso) Puxa, quantas foram as pragas que nos mandou o filho de Amram mas eu não dei liberdade aos filhos de Israel.



Bil'am:São justas as tuas palavras. Com pragas nos almadigoou o filho de Amram:sangue, sapos e até gafanhotos.Chega.Mais não nos castigará.Não liberte os judeus.

Itro:Com oito pragas nos almadigoou o filho de Amram, e pode ainda enviar a nona.

Bil'am:(interrompendo-o)Não poderá fazer. Que mais faria? Escondeia o sol ou quem sabe a lua?

Itro:Esconderá sim (ao faraó) Liberte os filhos de Israel.

Alguns Magos:Liberte-os.Pela vida do senhor nosso rei.

Faraó:(contando os votos) UM,dois,... sete.Sete dizem sim, liberte e sete dizem não,não liberte. Quem decidirá?( ao chefe das bebidas) Traga outro copo( Bebe) Eu decidirei: Não libertarei os filhos de Israel.

Magos:Viva o faraó.

Faraó:Que venha as dançarinas (um rikud)( sinal ao chefe das bebidas) (derrepente o lha pela janela e para de beber - grita) Olhem

Magos:Olham pela janela e ficam assombrados) Escurece

Rainha:Nossa... (o rikud para )

Faraó:Será que chegou a hora do pôr do sol?

Magos:De certo voltaram os gafanhotos e cobriram o céu, pois recém estamos no meio dia.

Faraó:Será que não são nuvens que estão tapando o sol? Saiam e vejam.

Magos:Não são nuvens e nem gafanhotos. O sol já se deita. O sol recém deveria estar no alto, e como veem ele desce rapidamente.

Itro:( para si mesmo) Moisés esconde o sol...

Faraó:Isto é coisa do filho de Amran.

Magos:Dedo de Deus.

Rainha:Liberte os filhos de Israel.E que desapareçam

Itro:Liberte os filhos de Israel.

Faraó:Não libertarei.Ascendam o fogo.( os Magos correm de um lado para o outro pedindo fogo ,iluminem)

Faraó:( caindo na cadeira) Escuridão... (cada vez mais escuro)

PANO

RETORNO A MOISES

Personagens:crianças - Analia, David, Itzchak, Shaul, Dina, Edna.

Velho Saltarin, Iaacov (membro de um grupo de Biluim, Mordechai, Hamam, Moisés.

(ao subir o pano, meninos pulam corda)

Crianças: Shaul, pisaste na corda, sai!

Analia:Vamos, Edna, é a tua vez (Edna salta)!

Crianças:Sal, azeite, vinagre, sal, azeite... (Edna pisa na corda).

Sai, perdeste, sai.

Analia:Quem é agora?

David:Itzchak!

Itzchak:Vamos ver, Analia, se dás como eu!

(Analia distrai-se observando um homem que entrou pela direita)

Crianças:Analia, dá volta na corda!

Analia:(solta a corda) Vejam este velho gracioso)

(crianças deixam a corda e olham o velho)

Itzchak:Como é branca sua barba.Vejam que olhos grandes e negros!

Shaul:Mas é um velho. Que tem ele de mais? Suponho que ele não tenha direção. Que quererá?

Velho:Como estão crianças?Não parem de saltar por minha causa. Gosto de ver saltar as crianças. Eu mesmo o faço.

Itzchak:O senhor também salta? (incrédulo) me parece ser muito velho para isto.

Velho:Que nada! Há centenas de anos que salto, Saltava antes de vossos pais e mães nascerem e antes que...

Analia:Oh, o senhor não pode ser tão velho! Mas de qualquer maneira, se é que saltou tanto, imagino que deve lamentar de não poder saltar agora.

Velho:Mas eu posso saltar sim.Vejam (tira do bolso uma corda de ouro).

Crianças:(surpresas) Ooooooh! Que bonita!

David:Vejam que beleza!

Velho: E é bonita, não ? (salta ) Digan-me, gostariam de ter uma como esta ?

Crianças: Sim, sim.

Velho: Vejam meninos, quem possui uma corda como esta pode retroceder no tempo. De um salto podemos chegar a era que queiramos.

Itzchak: Fantástico ! Deve ser interessantíssimo. Ouça, podemos retroceder à época de Moisés ?

Velho: Lógico que sim. Minha corda me ata ao passado, ao glorioso passado e, assim espero, à um muito feliz futuro. Mas, diga-me porque eleges os tempos de Moisés ?

David: Ora, ora, é porque estamos estudando na escola.

Velho: Muito bom. Vocês gostariam de ir todos comigo ?

Crianças: ( alegres ) Sim, sim.

Velho: ( tira cordas douradas ) Vamos, comecemos juntos: sal, azeite, vinagre, sal ... ( os meninos saltam e à um sinal do velho, param ).

Dina: Diga-me, senhor, qual é seu nome ?

Velho: Chamam-se, simplesmente, de Velho Saltarin.

Edna: Diga-me, Saltarin, onde nós vamos agora ?

Velho: Estamos em Eretz Israel ( gradual obscurecimento ) no final do século XIX . Se esperarem mais um pouco, verão a um dos.. ( pausa larga, luzes ). Bem, aí vem alguém. ( pela direita entra um grupo de homens com ferramentas, e uma bandeira azul e branca. Cantam. Crianças estranham. )

Edna: Quem são esses homens, Velho Saltarin ?

Velho: Como eu vos dizia, estamos em Eretz Israel, em 1882.

David: Ainda não nasci, não é ?

Velho: Sim, meu filho, já nasceste. Todos nascemos faz muito tempo; somos um povo antigo e percorremos um largo caminho. E, com a ajuda de Deus, seguiremos ainda por séculos e séculos...mas, vou apresentar-vos. Homens de Bilú, estes são os meninos de hoje. Iaakov, diga-lhes alguma coisa sobre vocês.

Iaacov: Tenho de ser breve. Vienes da Rússia, construir nosso pró-

prio País, e preparar o caninho para os milhares e milhares que nos seguirão. Por isso que nos denominados Bilú: "Beit, Iaacov, Lechu venelchá " . Casa de Jacob, venham e vamos... à Eretz Israel. Sabemos que nossa tarefa não é fácil, porém se cõrge - guirmos levar a paz ao povo judeu, terá valido a pena lutar, custe o que custar .

Dina: Depois que construírem o país, crõn que todos os judeus os seguirão ?

Yaacov: Trabalhamos, esperamos, eramos... e é esta luta ( aos camaradas ) vamos chaverim, devemos apressar-nos, já é tarde, shalom !

( saem cantando )

Shaul: E aonde vamos daqui, Saltarin ?

Velho: ... Há tantos períodos que po demos atravessar. Dois mil anos de exílio ... os judeus em Eretz Israel ... a divisão do reino; vamos, talvez iremos a...

Analia: Saltarin, Saltarin, leve -nos ver esse homem que lemos em Purim ...

Velho: Sã refere à Mordechai. Mas pode ser que encontremos Já o Haman, também.

Crianças: Não faz mal, não faz mal...

Velho: Então, tomem as cordas: sal, azeite e vinagre, sal... ( luzes se apagam, algazarra das crianças, e acende-se as luzes com Mordechai e Haman, com trajes orientais ).

Haman: Ben, judeu, te inclina diante de mim ! ( as crianças olham aterrorizadas ).

Mordechai: Não me inclinarei ante tí, nem ante ninguém pagão como tu. Não me assustas. Decendo de um povo que não teme ameaças,

Haman: Veremos, veremos.

( O Saltarin dá um passo à frente e as crianças seguem juntas, e encolhidas )

Velho: Dispensem-me vossa atenção por um momento.

Mordechai e Haman: ( surpresos ) O velho Saltarin !

- Haman: Saltarin, em que século estás agora?
- Velho: No século XX.
- Mordechai: Pois diga-me, ainda existe meu povo ?
- Haman: ( maliciosamente ) Ora, os judeus já foram exterminados, ch, Saltarin?
- Velho: Pois, não: estás completamente equivocado. Essas crianças são judias do século, XX.
- Mordechai: Louvado seja Deus, louvado seja Deus. ( saem os dois, Haman cabisbaixo ).
- David: Haman foi homem perverso, não é verdade, Velho Saltarin ?
- Velho: Certamente, sim. Parece-se a esse outro perverso que viveu em vosso século. Sabeis a quem me refiro. Ao malvado que arrastou praticamente todo mundo à guerra. ( Passagem ) Mas se quisermos alcançar Moisés, teremos que passar mais rapidamente através do tempo; do contrário, não poderemos regressar hoje. (As luzes reduzem-se até apagar-se. Quando voltam a acender-se, Moisés, com o cajado na mão, olha à distância. Ouve-se as vozes dos meninos que aparecem por um lado. )
- Velho: ( em voz baixa ) Bem, meninos, aí está Moisés. Vamos falar-lhe.
- Moisés: ( gira a cabeça, mira os meninos. Fala. ) Velho Saltarin ! Alegro-me em vê-lo. Quem são esses jovens que trazes contigo ?
- Velho: Bem, que diagam-lhe eles.
- Shaul: Fizemos a viagem de retorno para vê-lo, Moisés.
- Moisés: Aproximem-se meninos, não teneis. Sois maiores que Moisés, porque Moisés é passado, e vós sois o futuro. Por que vieram ver-me ?
- Itzhak: Por que falaram-nos de ti na escola.
- Moisés: Ah ! E o que disseram de mim ?
- Andria: Que eras o maior dos profetas.
- David: Que enviastes as dez pragas contra o faraó e os egipcios.

Itzhak: Que transformastes os bastões em serpentes!

Shaul: Que deste ao povo de Israel, e ao mundo inteiro, a Torá.

Dina: Que golpeastes a rocha com tua vara e brotou água !

Edna: Que guiastes os filhos de Israel através do deserto durante quarenta anos, até que os levastes à Terra Prometida !

Moisés: Tudo isso é verdade, meninos. Somente levei-os até a terra Prometida; mas eles entraram nela sem mim.

Edna: Oh ! Quanto lamentamos, Moisés, que não tenhas podido entrar junto com eles !

Moisés: Esta foi minha sina, Porém aprendi muito; e vovés, meninos do futuro, escutem: Aprendam que quando se tem uma tarefa grande para realizar, por mais difícil que seja, por mais esforços que exija, com a ajuda de Deus, sempre é possível leva-la a cabo. Algumas vezes, venceu-me o abatimento, domi nou-me. Meu povo nem sempre cria no que eu dizia; nem sempre desejou com todo o seu ardor voltar a terra que Deus prometena a nosso patriarca Abrão. Mas vocês, Meninos do Futuro, recordem: não há tarefa maior que a reconstrução de nosso povo e de nossa Terra.

Velho: Creio que isto eles sabem, Moisés.

Anália: Oh ! Moisés ! Nós fazemos tudo o que está ao nosso alcance para sermos úteis.

Moisés: Alegra-me imensamente o dito, minha querida.

Velho: Lamento haver molestado o seu sono, Moisés. Mas era necessário que estes meninos ouvissem tuas palavras.

Moisés: Que minhas palavras cheguem a seus corações, é tudo o que pego.

Velho: Anem ! Venham meninos, digam adeus a Moisés, porque devemos regressar ao século XX. Devemos apressar-nos, do contrário vossos pais ficarão preocupadps.

Dina: Quando regressarmos, permitirás que fiquemos com estas formosas cordas de ouro ?

Velho: Ouçam meninos ; faremosu um trato.. Darei as cordas de ouro com a condição de que me prometeis fazer tudo o que puderem

a fim de que vosso futuro seja tão glorioso quanto vosso passado. Por que, como veêm, estas cordas de ouro correm ao largo de nossa história, atando a glória do passado à esperança do futuro.

Meninos: (% excitados ) Prometemos !

Velho: Apressemos-nos, meninos, é hora de dizermos adeus à Moisés.

Meninos: Shalom, Moisés, shalom. ( os meninos saem saltando. As luzes reduzem-se )

Moisés: (Em frente ao público ) Shalom meninos, de amanhã. Oxalá possam ver a completa redenção de nossa terra e a ressurreição de nosso povo. Que Deus dê forças para sobrepôr-nos a todos os obstáculos e as dificuldades. Que o futuro traga para todos vocês, a paz , uma paz duradoura.

x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

Observação:

Nesta peça os madrichim deverão atuar nos papéis adultos. É importante que toda a shichvá participe na messibá, ou atuando nas peças, ou participando da leitura da Hagadá.

7 • PEULÁ -

#### A FESTA DE PESSACH -

Pessach é a primeira festa das tres de perégrifagões do ano judeu.

Na Torá os denominavam "CHAG HAMATZCT", a festa dos pães sem fermento, mas na literatura tradicional e na linguagem corrente, a festa é conhecida por Pessach, pelo nome do cordeiro de Páscoa, que se come na primeira noite. Mas esta palavra significa também "passagem", pois na noite em que os judeus abandonaram o Egito, o anjo exterminador matou a todos os filhos homens primogênitos, mas evitou, isto é, "passou" a casa dos judeus marcadas com sangue de carneiro.

Na recordação do povo, Pessach é em primeiro lugar, a festa de liberação do jugo Egípcio, da saída dos judeus do cativeiro até a liberdade até a independência. O Seder é feito para perpetuar estes grandes acontecimentos, de geração em geração.

#### CONTO : A TAÇA DO PROFETA

Faz muitos anos vivia em uma cidade chamada Maenza um rico mercador judeu que se chamava Klonimus. Em seu serviço de Pessach havia uma taça para o Profeta Elías que era considerado o objeto mais precioso da família.

Ela era guardada sempre cuidadosamente no armário fechado e somente era tirada dali para o Seder de Pessach, pondo nela bom vinho, colocando-a no centro dos outros cálices, segundo a tradição.

Ele tinha dois filhos, Yahin e Boaz, ambos casados e pais de família. Klonimus amava com ternura a eles e a paz e a felicidade que reinava nessa família.

Aconteceu um dia que enquanto passeava Klonimus recebeu uma insolação e morreu. Foi grande a dor da família e de seus grandes amigos.

Depois desses sete dias de luto, Yahin disse a Boaz:—"Nosso pai morreu sem deixar testamento; é a nos que compete dividir a fortuna e quem ficará com a taça do profeta".—"Nõe, meu irmão"- disse Boaz - "Voce deve ficar com a fortuna e deixar para mim a taça do



profeta". Discutiram muito tempo sobre isto, sem chegar a nenhuma conclusão. Decidiram então consultar o rabino. Era o velho e sábio, venerado por todos. Quando o problema lhe foi apresentado, disse ele: " Porque discutir, meus filhos? Nada é mais precioso que a paz. De que se trata? " Cada uma das vozes dizia: "Eu quero a taça". Era impossível dividi-la em duas partes, por isso propôs que se fizesse um sorteio. O que ganhar ficará com a taça e o outro com a fortuna. " Assim mesmo, sorteio depende do Senhor" - terminou dizendo o rabino.

Os dois irmãos se puseram de acordo com o rabino, chamando-se a uma criança que passava no momento. Sendo ele quem tirou a sorte. Boaz ficou com a taça de Eliau o profeta. O rabino disse então: "Voltem agora para casa em paz e amizade. E que cada um goze do que lhe tocou porque assim decidiu o céu".

Voltaram os dois irmãos às suas casas e dividiram os bens legados por seu pai, de acordo com a decisão do sorteio. Boaz sentia-se feliz, mas Yahín tinha o coração cheio de inveja.

Este último lançou-se ao comércio com o dinheiro que recebera de seu pai, quaduplicou e quintuplicou sua fortuna tornando-se rico. Boaz, que somente recebeu a taça, trabalhou muito, esforçando-se, mas o sucesso não coroou seu trabalho. Foi morar com sua família em uma pequena casa na periferia e somente conheceram pobreza e necessidade. Boaz tinha um consolo, a taça do profeta que a sorte lhe premiou. Tirava-a todos os dias do armário e a colocava de novo no armário. Ela alegrava os olhos, e fazia esquecer momentaneamente a miséria. Mas o pão faltava frequentemente na casa e as crianças não podiam sair por falta de roupas e sapatos.

Pessach se aproximava. Boaz não podia comprar nem matzá, nem carne, nem vinho, por isso, foi vencido pela tristeza. A mulher disse-lhe então:

- " Até quando, Boaz? Vá e peça algum dinheiro emprestado a teu irmão para que possamos festejar o Pessach. Quando o Senhor

nos ajudar, devolveremos o emprestado".

Boaz respondeu: " Não sabes que meu irmão me odeia do fundo do coração?"

Ela respondeu: "Entre irmãos sempre existe algum sentimento, não importa".

Boaz foi então à casa de seu irmão; respondendo-lhe este a seu pedido: Vês o que te acontece? Por que sofres em vão com toda tua família? Pega a fortuna que herdei de nosso pai, que em paz descanse, e entregame a taça. Eu te darei assim mesmo uma copa de ouro encrustrada com pedras preciosas que recebi da Índia.

Boaz respondeu: Podes levar minha alma, mas não te darei a taça. Prefiro seguir tendo fome.

Yahín chateou-se e expulsou seu irmão da casa. Boaz voltou para junto de sua mulher contando-lhe o que havia sucedido.

" Vá pedir emprestado ao vizinho", disse-lhe a esposa. "Um bom vizinho é mais precioso que um mal irmão". Mas Boaz que já havia recorrido a este em muitas outras oportunidades, não quis fazê-lo novamente.

Nas vésperas de Pessach todos os lugares se encheram de coisas boas mas a casa de Boaz continuou vazia. Os filhos choravam sem saber que pecado haviam cometido para ser tão severamente castigados. Não tinham nem matzá, nem vinhos, nada. Como fazer o Seder e as quatro perguntas tradicionais?

O coração de Boaz se apertou de angústia ao escutar os lamentos dos pequenos. Foi à cidade com o intento de ganhar algum dinheiro. As criaturas ficaram sozinhas com a mãe e continuaram chorando.

" Mãe, como poderemos ir à Sinagoga sem roupas nem sapatos?" Ela, cheia de pena, se levantou, abraçando-os e dizendo:

"Enxuguem as lágrimas. Eu lhes trarei roupas, sapatos, vinho e todas as coisas boas que os judeus terão esta noite. Esperem-me quietinhos" ...

Pegou a taça do profeta. Foi a casa do seu rico cunhado, dizendo-lhe:

" Trouxe a copa. Pague-me depressa, para que tenha tempo de comprar o que seja necessário para a festa".

Yahín pegou a taça com a qual sonhara tantos anos. Encheu os bolsos da cunhada de moedas de ouro e deu a taça de ouro encrustada de pedras. Depois disse:

" Volte ao terminar as festas e te darei mais dinheiro"...

A mulher correu ao mercado. Comprou tanto que precisou recorrer a um carregador. Quando chegou em sua casa os filhos gritavam de alegria ao ver os pacotes. Lavaram-se com cuidado e puseram roupas novas.

Boaz enquanto isso havia recorrido a cidade em busca de trabalho. Só recebeu negativas, voltando a sua casa aflito. Qual não foi sua surpresa ao encontrar sua casa alegre e cheia de coisas boas, as crianças bem vestidas e contentes.

Disse-lhe a mulher: "- Devo contar-te a verdade. Não pude suportar a tristeza de nossos filhos. Cedi a Yahín a Taça de Elías, e ele me deu muitas moedas de ouro e esta taça".

"- A taça que me era tão preciosa? A taça que o céu me deu como minha parte da herança? Que fizestes mulher?

Boaz estava pálido e tremia de emoção. Seus filhos se aproximaram e lhe disseram:

"- Não chores pai, coloca a taça na mesa e verás que Elías o Profeta ficará satisfeito."

"- Vocês têm razão meus filhos, disse Boaz, devemos bendizer a Ele que nos permite festejar a festa da liberação".

Trocou de roupa e foi com as crianças para a sinagoga. Quando voltaram do templo, Boaz beijou sua mulher, que resplandecia de felicidade. A mesa estava cheia de manjares suculentos e a taça brilhava no centro. O Seder se desenrolou segundo os ritos. Mas um pouco de tristeza o envolvia quando observava a taça que no centro da mesa brilhava. No momento tradicional o filho mais velho se levantou e foi abrir a porta. Nesse momento a taça desapareceu da mesa e foi substituída pela taça familiar, tão cara para Boaz. Ela resplandecia de beleza.

Boaz exclamou: " Nos voltou a taça de nossos antepassados!"

Foi a alegria de seus familiares. Entretanto, na casa de Yahín, quando a porta foi aberta, a taça preciosa desapareceu e foi substituída pela taça de ouro ... A casa ficou envolta de tristeza. Na manhã seguinte Yahín foi a casa de seu irmão e viu a taça brilhando na mesa e disse:

" Agora sei que essa taça foi destinada pelo céu. Perdoa-me meu irmão pela dor que te causei."

Os dois irmãos abraçaram-se emocionados.

No segundo seder a família de Yahín foi a casa de seu irmão e comemoraram a festa juntos. A taça de Elías brilhava como de costume. Depois da festa Yahín deu metade de sua fortuna a seu irmão. --

Até o fim de seus dias a paz e o amor reinaram na família.

Observação:

APÓS O CONTO SEGUIR NA PREPARAÇÃO DA MESSIBÁ

8ª Peulá: O 1º de Maio

Conto: O Príncipe feliz - Oscar Wilde

Na parte mais alta da cidade, havia uma coluna, em cujo tampo ficava a estátua do Príncipe Feliz. Era toda coberta de finas fôlhas de ouro, os olhos eram duas safiras brilhantes e um enorme rubi enfeitava o punho da espada.

-- Parece um catavento, de tão bela! -- disse um político que gostava de fazer frases -- embora um catavento seja mais útil -- acrescentou, receoso de que o tomassem por um homem de idéias pouco práticas.

-- Você devia ser como o Príncipe Feliz! -- falou uma senhora para o filho -- ele nunca chora nem pede nada.

Um homem triste, olhando a estátua, exclamou:

-- É a única pessoa feliz deste mundo!

Um menino do orfanato achou que o Príncipe parecia um anjo, para grande espanto do professor de Matemática:

-- Como assim? Você nunca viu um anjo!

Respondeu que sonhava com os anjos, O professor fechou a cara, pois não gostava que os meninos sonhassem.

Uma noite, chegou à cidade uma andorinha. Há seis semanas que suas companheiras, fugindo ao frio, tinham voado para as terras quentes do Egito, e ela se atrasara por estar apaixonada pela beleza de um caníço, encontrado ao acaso, quando perseguia no rio uma borboleta amarela.

-- Você quer ser meu namorado? -- perguntou a andorinha, que nunca perdia tempo com muita conversa.

O caníço concordou, inclinando-se com elegância. Ela ficou esvoaçando em torno dele, fazendo ondulações prateadas na água com as pontas das asas.

-- Que namôro mais bôbo! -- exclamavam as outras andorinhas.

Quando as amigas partiram, a andorinha começou a enjo-

ar-se do namorado:

-- Este caniço nunca diz uma palavra! Além do mais é bem possível que ele esteja também de nanõro com a brisa. Ainda por cima quero casarme com alguém que adore viajar.

Um belo dia, cansada daquela vida, perguntou ao caniço:

-- Você vai ou não vai comigo para o Egito?

Muito apegado à terra natal, ele disse não com a cabeça. A andorinha não gostou:

-- Quer saber duma coisa? Você não me serve. Vou visitar as pirâmides do Egito. Adeus!

Voou um dia inteiro e chegou à cidade, instalando-se aos pés da estátua do Príncipe Feliz.

-- Que beleza o meu quarto dourado!

Quando ia enfiando a cabeça debaixo da asa para dormir, caiu-lhe em cima uma grossa gôta d'água.

-- Que coisa esquisita! -- exclamou. -- Está chovendo com o céu todo estrelado! Que clima horrível!

Já abria as asas para sair dali, quando caiu uma outra gôta. Olhou para cima e viu... Ah, imaginem só o que viu a andorinha?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, e lágrimas corriam-lhe pelas faces de ouro. Era tão bonito o seu rosto, à luz do luar, que a andorinha se sentiu comovida.

-- Quem é você?

-- Sou o Príncipe Feliz.

-- Se é feliz por que está chorando? Estou toda molhada!

-- Quando eu era vivô -- respondeu a estátua -- tinha coração de gente. Nem sabia o que era choro, pois morava no Palácio da Boa Vida, onde a tristeza era proibida de entrar, Durante o dia, brincava com meus amigos no jardim e à noite dançava no salão de festas. O jardim era cercado por um muro muito alto, e nunca me dei ao trabalho de perguntar o que se passava lá fora. Tudo em torno de mim era bonito. Chamavam-me de Príncipe Feliz. E eu era realmente feliz, se é que se pode dar o nome de felicidade às coisas boas da

vida. Assim vivi e assim morri. Depois de morto, colocar am-me aqui no alto, de onde posso ver todas as misérias da minha cidade. Mesmo com um coração de bronze, não consigo reter as lágrimas.

-- Ué! Pensei que o coração dele também fôsse de ouro! -- disse consigo mesmo a andorinha.

A estátua continuou a falar mansamente:

-- Lá longe, num beco, há um casabre. Pela janela aberta, vejo uma pobre mulher, a face magra e cansada, as mãos feridas pelas agulhas da costura. Está bordando flôres roxas em um vestido para a mais bela dama de honor da côrte. Na cama a um canto, o filho doente pede à mãe uma laranjada. Ela só tem para dar a água que apanha no rio. Andorinha, minha boa andorinha, será que você pode levar para aquela mulher o rubi da minha espada?

-- Estão me esperando no Egito. Minhas amigas já estão a passear pelo Rio Nilo. Não posso me demorar mais.

-- Andorinha, andorinha, fique comigo uma noite, seja minha mensageira. O menino está ardendo de febre e a mãe dele está morrendo de infelicidade!

-- Sabe, eu não me dou bem com criança -- replicou a andorinha. -- No verão passado, dois garotos viviam me dando pedradas. É claro que nunca me acertaram, pois sou de uma familia esportíssima. Mas não gostei da falta de respeito!

O Príncipe ficou tão triste que a andorinha teve pena:

-- Está ben, apesar do frio que está fazendo, passarei aqui uma noite.

Arrancou o rubi da espada do Príncipe e voou com ele no bico por cima dos telhados da cidade. Quando passou pelo Palácio, ouviu música e viu uma linda moça que namorava na sacada.

-- Como são lindas as estrélas! -- disse o rapaz. -- E como eu te adoro!

-- Espero que o meu vestido esteja pronto para o baile de gala -- respondeu ela. -- Mandei bordá-lo de flôres roxas, mas estas costureiras são todas umas preguiçosas!

Quando a andorinha chegou ao casebre, a mãe tinha adormecido de cansaço, enquanto o doentinho se revirava na cama, ardendo em febre. Colocou o rubi sôbre a mesa, perto do dedal, revoando depois à roda da cama, para refrescar a testa do menino.

-- Estou me sentindo melhor -- murmurou o doente, antes de cair no sono.

A andorinha voltou para contar ao Príncipe o que tinha feito.

-- É engraçado -- observou -- agora estou me sentindo mais aquecida, apesar do frio.

-- É o resultado da tua boa ação -- disse ele.

A andorinha pensou um pouco e adormeceu: quando pensava sentia sono. Mal amanheceu, voou para o rio e tomou um banho. Um professor entendido em aves, que atravessava a ponte, parou espantado:

-- Que raro fenômeno! Uma andorinha no inverno!

E escreveu ao jornal uma carta, contando o acontecimento, mas com palavras tão difíceis que ninguém entendeu nada: por isso mesmo foi muito elogiado.

-- Esta noite vôo para o Egito -- resolveu a andorinha, muito feliz.

Visitou os monumentos públicos e esteve muito tempo pousada na torre da igreja. Ficava toda contente quando os pardais diziam:

-- Que estrangeira tão distinta!

Ao nascer a lua voltou para junto do Príncipe Feliz.

-- Quer mandar algum recado para o Egito? Vou partir agora mesmo.

-- Andorinha, minha boa andorinha, passe mais uma noite comigo.

-- Estou sendo esperada no Egito. Amanhã, minhas amigas vão visitar uma cachoeira, perto do lugar onde há hipopótamos e leões.

-- Andorinha, lá longe vejo um rapaz debruçado sôbre a mesa cheia de papéis. Tem uns olhos grandes e sonhadores. Quer terminar a peça de teatro que está escrevendo, mas o frio impede que ele continue o trabalho. Vai desmaiar de fome daqui a pouco.



-Está bem - disse a andorinha de bom coração - Quer que eu leve para ele outro rubi ?

-Não tenho mais rubis - disse o Príncipe Feliz - Só restam os olhos . São duas safiras trazidas da Índia há mil anos . Arranque um dos meus olhos . Ele venderá a pedra a um joalheiro , comprará comida e lenha , e acabará a peça .

-Meu bom príncipe - respondeu a andorinha , chorando - isso eu não faço .

-Andorinha , minha boa andorinha , faça o que lhe digo . Ela arrancou um dos olhos do Príncipe e voou , entrando logo no quarto por um furo do telhado . O moço , distraído , com as mãos na cabeça , não ouviu o sussurro das asas . Ao erguer os olhos deu com a belíssima safira .

-Isso deve ter sido enviado por algum grande admirador de minhas peças - exclamou com alegria . - agora sim , posso acabar o trabalho .

No dia seguinte , a andorinha andou revoando pelo porto , gritando para os marinheiros :

-Estou de viagem para o Egito .

Ninguém lhe presta atenção ; ao nascer a lua , voltou para a companhia do Príncipe Feliz .

-Passe mais uma noite comigo , andorinha .

-E o frio ? Daqui a pouco está nevando . No Egito o sol brilha sobre as palmeiras e aquece o sono dos crocodilos . Minhas companheiras estão fazendo ninho num templo muito antigo . Tenho de deixá-lo , querido príncipe , mas nunca me esquecerei de você . Na próxima primavera , quero trazer-lhe duas pedras preciosas para substituir as outras .

O Príncipe fez que não ouviu e mudou de assunto :

-Lá na praça , está uma menina pobre que vende fósforos . Hoje , os fósforos caíram dentro d'água . Vai apanhar caso não leve dinheiro para o pai . Dê a ela o olho que me resta .

-Fico com você mais uma noite , mas isso eu não faço . Ficará cego .

-Andorinha , andorinha , faça como lhe digo .

A andorinha arrancou-lhe a safira e voou , deixando cair a jóia na mão da menina , que a levou correndo , para o pai .

Voltando para junto do Príncipe , disse a andorinha :

-Agora você está cego ; não sairei mais daqui .

-Não , minha boa andorinha , voce tem de partir para o Egito.

-Não sairei mais daqui-repetiu a andorinha , adormecendo aos pés do Príncipe Feliz .

No dia seguinte , pousada no ombro da estátua , falou-lhe das coisas que tinha visto em terras estranhas : dos pássaros vermelhos das margens do Nilo ; da Esfinge de pedra , tão velha quanto o mundo , que vive no deserto e sabe tudo das caravanas de camelos que levam e trazem tesouros ; da serpente sagrada , que dorme na palmeira e come bolos de mel ; dos pigmeus , que navegam em grandes folhas e andam sempre em guerra com as borboletas .

-Tudo isso é fabuloso - disse o Príncipe Feliz - entretanto mais fabuloso ainda é o sofrimento dos homens e das mulheres . O maior mistério é a miséria . Vá voar sobre a minha cidade , andorinha , e venha me contar o que viu .

E a andorinha foi , Sobrevoando a grande cidade , viu os ricos que se divertiam ex os pobres que pediam esmolas ; viu nas vielas sombrias as faces pálidas das crianças famintas . Debaixo de uma ponte , dois garotos abraçados tremiam de frio .

-É proibido ficar aqui - gritou-lhes o guarda . E eles tiveram que sair na chuva em busca de outro abrigo .

Quando a andorinha contou-lhe o que tinha visto , o Príncipe disse :

-Como vê, sou todo coberto de ouro . Você pode tira-lo fôlha por fôlha , para os meus pobres . Os vivos pensam que o ouro traz felicidade .

A andorinha então foi arrancando , uma por uma , as folhas de ouro , até que o príncipe , perdendo o brilho , ficou feio e escuro. Mas os rostos das criancinhas pobres ganhavam cor e alegria .

Por fim , chegou a neve . As ruas , brancas e brilhantes , pareciam de prata . Com seus bonés vermelhos , os meninos patinavam no gelo . Apesar de gelada , a andorinha não abandonava o Príncipe . Apanhava migalhas à porta do padeiro e batia as asas para aquecer-se .

Uma tarde , sentindo que ia morrer , mal teve forças para voar pela última vez aos ombros do Príncipe !

-Adeus , querido Príncipe - murmurou - Quero beijar a sua mão.

-Fico feliz de saber que voce vai afinal para o Egito .

-Não é para o Egito que eu vou . Vou para o Pais da Morte . Aí Morte é irmã do Sono , não é ?

Beijou o Príncipe e caiu morta a seus pés .

No mesmo instante , um estranho estalido soou dentro da estatua , como uma coisa que se quebra . De fato o coração de bronze partiu-se em dois .

Na manhã seguinte , o prefeito da cidade , em companhia dos políticos , passava pela praça .

-Olhem só . Como o Príncipe ficou horroroso !

Os políticos que eram sempre da mesma opinião que o prefeito, também exclamaram :

-O senhor tem toda a razão :que horroroso .

Quando chegaram mais perto , o prefeito voltou a exclamar :

-Perdeu o rubi . Perdeu os olhos de safira . O ouro sumiu . Parece um mendigo .

E os políticos repetiram em coro :

-É mesmo . Parece um mendigo .

-E com um passarinho morto aos pés . Temos de publicar um decreto proibindo as aves de morrerem nesta praça .

E o secretário tomou nota da sugestão . Depois derrubaram a estátua do Príncipe Feliz . O Professor de arte sentenciou :

-Como deixou de ser belo , não serve mais para nada .

Mandaram fundir a estátua no forno , e o prefeito convocou uma assembléia de homens importantes para decidir que destino se devia dar ao metal .

-Temos de fazer outra estátua . A minha por exemplo - disse o prefeito .

-A minha , a minha - gritaram todos os homens importantes .

Aí começaram a discutir de qual deles seria a estátua ; e até hoje ainda estão discutindo .

-Que coisa estranha - disse o mestre da fundição - Este coração de bronze não se derrete no forno . O jeito é jogá-lo fora .

E o coração do Príncipe foi atirado para o montão de lixo , onde se encontrava também a andorinha morta .

-Quero as duas coisas mais preciosas que houver naquela cidade -- disse Deus a um anjo .

E o anjo levou ao Senhor o coração de bronze e a andorinha morta .

-Boa escolha - disse Deus - pois esta ave cantará eternamente no meu jardim ; e , na minha Cidade de Ouro , o Príncipe Feliz ficará comigo para sempre .

FIM

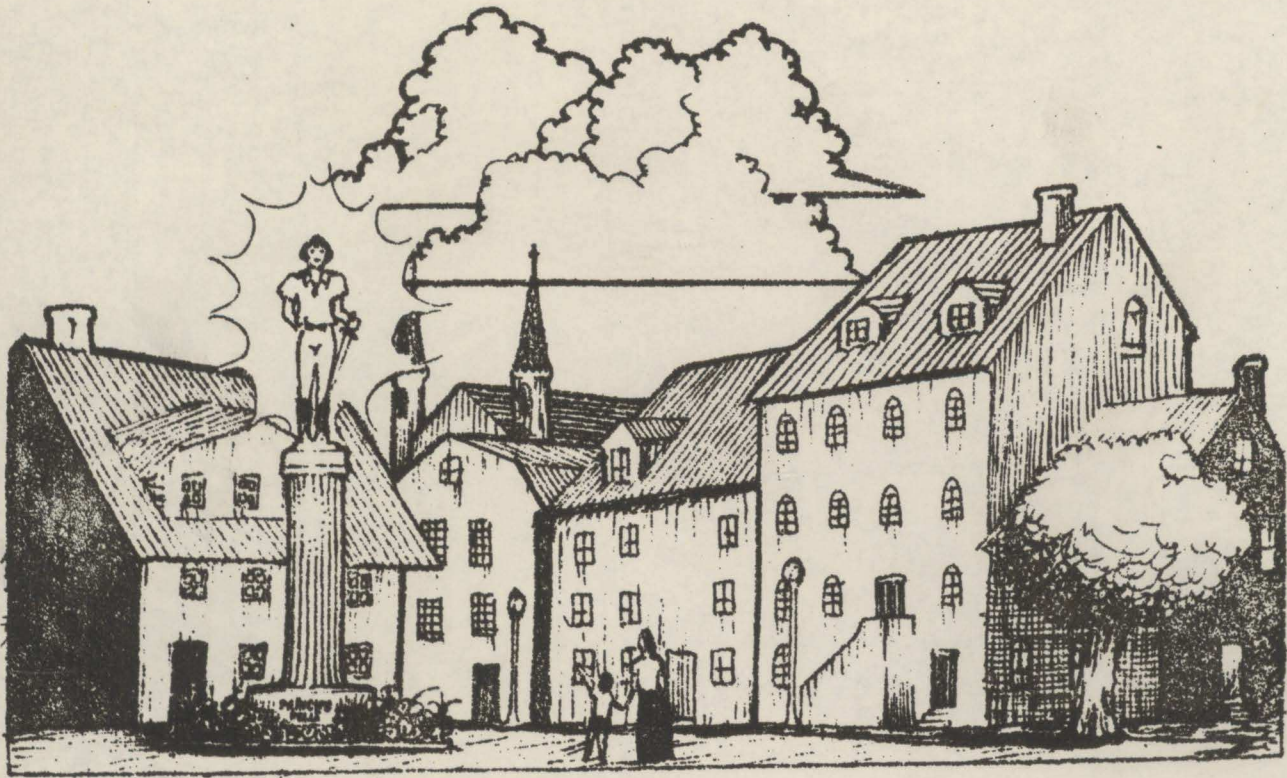
x.x

OBSERVAÇÃO: Sugerimos que para o maior aproveitamento desta peulá utilize-se o esquema que segue.

Em um dos chedarim do snif seja feita uma decoração com base em fotos de operários, vilas populares, fábricas e pessoas pobres. Cada kvutzá' entrará no cheder com o madrich e lá dentro uma pessoa fantasiada de Príncipe Feliz contará a história.

Depois disso já no seu cheder o madrich deverá salientar as partes mais importantes da história salientando o significado do dia 1º de maio como dia internacional do trabalhador.

Propomos ainda que seja distribuída a história em quadrinhos que se segue ( fazer cópias em stencil eletrônico ) para que eles completem os balões.



HÁ MUITOS E MUITOS ANOS HAVIA, NO CENTRO DE  
UMA ANTIGA CIDADE, A ESTATUA DO

# Príncipe Feliz

de OSCAR WILDE

ERA TODA DE OURO, OS OLHOS ERAM DUAS  
SAFIRAS E UM RUBI ENFEITAVA O PUNHO DA ESPADA



UMA NOITE CHEGOU À CIDADE UMA ANDORINHA. HA SEIS SEMANAS SUAS COMPANHEIRAS TINHAM VOADO PARA AS TERRAS QUENTES DO EGITO.



ELA SE ATRASARA POR ESTAR APAIXONADA PELA BELEZA DE UM CANIÇO, ENCONTRADO AO ACASO, QUANDO PERSEGUIA, NO RIO, UMA PORBOLETA.

VOCE QUER SER MEU NAMORADO?



O CANIÇO CONCORDOU, INCLINANDO-SE COM ELEGANCIA.

ESSE CANIÇO NUNCA DIZ NADA! ALEM DISSO, É BEM POSSÍVEL QUE ESTEJA TAMBÉM DE NAMORO COM A BRISA



VOCE VEM OU NÃO COMIGO PARA O EGITO?

ELE DISSSE NÃO COM A CABEÇA.

SABE DE UMA COISA? VOCE NÃO ME SERVE. VOU VISITAR AS PIRAMIDES. ADEUS.



VOOU UM DIA INTEIRO E CHEGOU À CIDADE, INSTALANDO-SE NOS PÉS DA ESTÁTUA DO PRÍNCIPE FELIZ.



QUE ESTRANHO! UMA GOTA! ESTÁ CHOVENDO COM O CÉU ESTRELADO. QUE CLIMA HORRÍVEL



JÁ IA SAINDO QUANDO CAIU OUTRA GOTA. OLHOU PARA CIMA E VIU... O QUE VIU A ANDORINHA?



OS OLHOS DO PRÍNCIPE ESTAVAM CHEIOS DE LÁGRIMAS QUE CORRIAM PELAS FACES DE OURO. A ANDORINHA SE COMOVEU



QUEM É VOCÊ? SOU O PRÍNCIPE FELIZ. SE É FELIZ, PORQUE ESTÁ CHORANDO?



QUANDO EU ERA VIVO, TINHA UM CORAÇÃO DE GENTE. NEM SABIA O QUE ERA CHORO POIS VIVIA NO PALÁCIO DA BOA VIDA, ONDE A TRISTEZA ERA PROIBIDA DE ENTRAR...



... DURANTE O DIA EU BRINCAVA COM MEUS AMIGOS NO JARDIM...



... DE NOITE DANÇAVA NO SALÃO DE FESTAS...



O JARDIM ERA CERCADO E EU NUNCA PERGUNTEI O QUE HAVIA LÁ FORA. TUDO EM VOLTA DE MIM ERA BONITO.



EU ERA MESMO FELIZ, SE É QUE SE PODE CHAMAR DE FELICIDADE AS COISAS BOAS DA VIDA.

ASSIM VIVE ASSIM MORRI. DE-  
POIS COLOCARAM-ME AQUI NO AL-  
TO DE ONDE POSSO VER TODAS AS  
MISÉRIAS DA MINHA CIDADE. MES-  
MO COM UM CORAÇÃO DE BRON-  
ZE, NÃO CONSIGO RETER AS  
LÁGRIMAS...



PENSO QUE O  
CORAÇÃO DELE  
TAMBÉM FOSSA  
DE OURO

... LÁ LONGE HÁ UM CADEBRE COM  
A JANELA  
ABERTA...



... POR ELA EU VESSE UMA POBRE  
MULHER DE PAPE MAGRA E CAUSA-  
DA, AS MÃOS FERIDAS DELAS AGULHAS,  
ESTA BORDANDO UM VESTIDO PARA  
A DANA MAIS BELA DA CORTE.



NA DAMA O FILHO  
DOENTE PEDE LA EN-  
GADA. ELA SÓ TEM  
ALGUM DO RIO PARA  
LHE DAR



ANDORINHA, MINHA BOA ANDORINHA,  
SERÁ QUE PODERIAS LE-  
VAR O RUBI DE MINHA  
ESPADA PARA AQUELA  
MULHER?



ESTÃO ME ESCU-  
RANDO NO EGITO.  
NÃO POSSO ME  
DEIXAR NISSO

ANDORINHA, FIQUE UMA NOITE.  
O MENINO ESTÁ ARDENDO EM RE-  
BRE E SUA MÃE ESTÁ MORREN-  
DO DE INFELICIDADE.



SABE, EU NÃO ME DED BEI COM  
MENINOS. HAVIAM ALGUNS QUE  
VIVIAM ME DANDO PELEADAS,  
QUE FALÇA DE RESPEITO!



ESTÁ BEM, APESAR  
DO FALCO PASSAREI  
AQUI UMA NOITE.

ARRANQUEI O RUBI E VOOI COM ELE  
DOBRE OS TELHADOS DA CIDADE.



QUANDO PASSOU PELO PALÁCIO, OUVIU  
MÚSICA E VIU UMA LINDA MOÇA QUE  
NAMORAVA NA SACADA.



ESPERO QUE MEU VESTIDO  
ESTEJA PRONTO PARA O  
BAILE. MANDEI BORDAR FLO-  
RES, MAS ESTAS COSTUREI-  
RAS SÃO TÃO DREGUIÇOSAS.



QUANDO ELA CHEGOU, A MULHER TINHA ABSOR-  
NECIDO, ENQUANTO O JOVENTINHO SE RE-  
VIRAVA NA CAMA, COLOCOU O RUBI NA MESA.



DEPOIS DE REPREENDER UMA TANTA  
BATEIDAS ASAS.



LOGO ELA VOLTOU PA-  
RA CONHECER O QUE  
TINHA FEITO.



ENRABADO,  
ME SINTO AQUICIA-  
DA, APESAR DO  
FRIO.



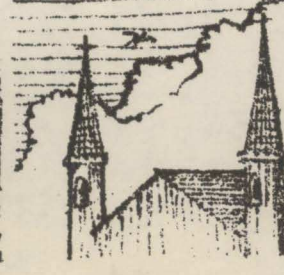
É O RESULTADO DA  
SUA AÇÃO.



A ANDORINHA PENSOU UM POUCO  
E ADORMECIU. MAL AMANHE-  
CEU E ELA FOI PARA O RIO.



DEPOIS VISITOU OS MO-  
NUMENTOS DA CIDADE.



ESTA NOITE  
VOU PARA O  
EGITO!



AD ANOITECER ELA VOLTOU.  
QUEER MANDAR UM RECADU  
PARA O EGITO?





ANDORINHA, MINHA BOA ANDORINHA, FIQUE MAIS UMA NOITE COMIGO.

ESTOU SENDO ESPERADA NO EGITO. AMANHÃ MINHAS AMIGAS VÃO VISITAR UMA CACHOEIRA



ANDORINHA, VEJO LÁ LONGE UM RAPAZ DEBRUÇADO SOBRE UMA MESA CHEIA DE PAPÉIS. QUER TERMINAR A PEÇA DE TEATRO QUE ESTÁ ESCRIVENDO. O FRIO O IMPEDE. VAI DESMAIAR DE FOME.



ESTA BEM. QUER QUE EU LEVE OUTRO RUBI PARA ELE?

NÃO TENHO MAIS RUBIS. SÓ ME RESTAM OS OLHOS SÃO DUAS SAFIRAS TRAZIDAS DA ÍNDIA HÁ MIL ANOS. ARRANQUE UMA E LEVE PARA ELE



MEU BOM PRÍNCIPE, ISSO EU NÃO FAÇO!

ANDORINHA, MINHA BOA ANDORINHA, FAÇA O QUE EU LHE DIGO!

ELA ARRANCOU UM DOS OLHOS DO PRÍNCIPE E FOI ENTREGAR A SAFIRA AO RAPAZ QUE, DISTRAÍDO, NÃO A NOTOU.

AO ERGUER OS OLHOS DEU COM A BELA SAFIRA.

ISSO DEVE TER SIDO ENVIADO POR UM GRANDE ADMIRADOR DE MINHAS PEÇAS. AGORA POSSO ACABAR O MEU TRABALHO!



DE MANHÃ A ANDORINHA FUI AO PORTO.



ESTOU VINDO AO EGITO!

NINGUÉM PRESTOU ATENÇÃO.

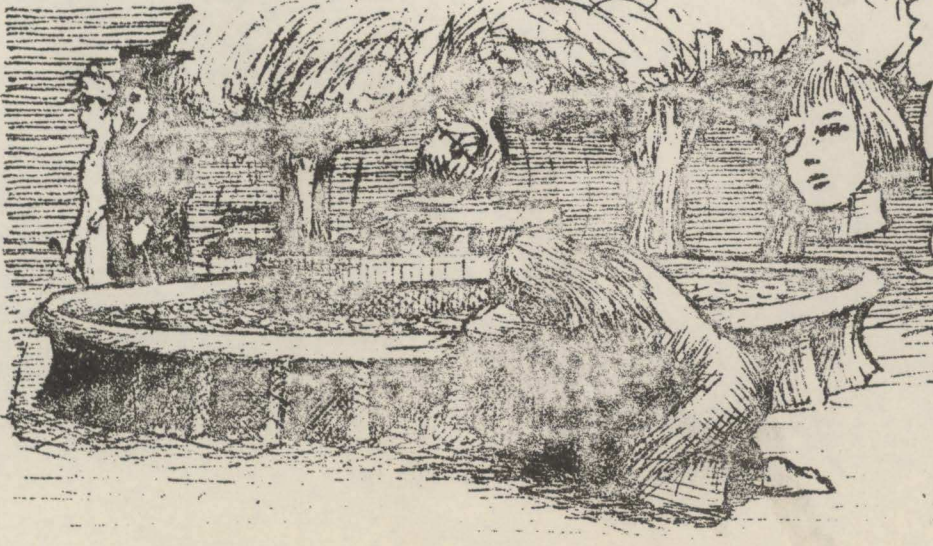
AO NASCER DA LUA VOLTOU PARA O PRÍNCIPE.



PASSE MAIS UMA NOITE COMIGO, ANDORINHA.

É O FRIO? DAQUI A POUCO ESTA NEVANDO. NO EGITO O SOL BRILHA SOBRE AS PALMEIRAS E AQUECE O SONO DOS CROCODILOS. MINHAS COMPANHEIRAS ESTÃO LÁ, TENHO DE DEIXÁ-LO, QUERIDO PRÍNCIPE MAS NUNCA ME ESQUECEREI DE VOCÊ. NA PRIMAVERA QUERO TRAZER LHE DIAS PEDRAS PRECIOSAS PARA SUBSTITUIR AS OUTRAS.

O PRÍNCIPE FEZ QUE NÃO OUVIU.



LÁ NA PRAÇA ESTÁ UMA MENININA POBRE QUE VENDE FÓSFOROS. HOJE OS FÓSFOROS CAÍRAM DENTRO D'ÁGUA. ELA VAI A PANHAR CASO NÃO LEVAR O DINHEIRO PARA O PAI.

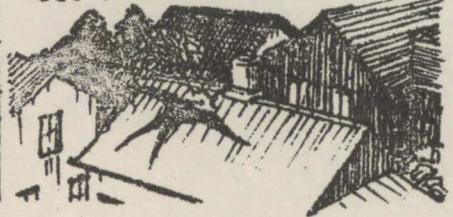




FICO COM VOCÊ MAIS UMA NOITE, MAS ISSO EU NÃO FAÇO. FICARÁ CEGO.



ELA ARRANCOU A SAFIRA E VOOU PARA DALA A MENINA.



DEIXOU CAIR A JÓIA NA MÃO DELA QUE A LEVOU, CORRENDO PARA O PAI.



AGORA VOCÊ ESTÁ CEGO. NÃO SAIREI MAIS DAQUI.

NÃO SAIREI MAIS DAQUI.



NÃO, MINHA BOA ANDORINHA, VOCÊ TEM DE PARTIR PARA O EGITO.

NO DIA SEGUINTE A ANDORINHA FALOU-LHE DAS COISAS QUE TINHA VISTO EM TERRAS ESTRANHAS...



TUDO ISSO É FABULOSO. MAS MAIS FABULOSO É O SORRIMENTO HUMANO. O MAIOR MISTÉRIO É A MISÉRIA. VÁ VOAR SOBRE A MINHA CIDADE, ANDORINHA, E VENHA ME CONTA O QUE VIU

E A ANDORINHA FOI SOBREVANDO A GRANDE CIDADE, VIU OS RICOS QUE SE DIVERTIAM...



...É OS POBRES QUE PEDIAM ESMOLAS...

...VIU NAS VIELAS SOMBRIAS AS FACES PÁLIDAS DAS CRIANÇAS FAMINTAS...



...DEBAIXO DE UMA PONTE, DOIS GAROTOS ABRACADOS TREMIAM DE FRIO.



QUANDO A ANDORINHA SENTIU O  
QUE TINHA VISTO, O PRÍNCIPE  
DISSE-LHE:

COMO VÊ, SOU COBERTO DE  
OURO. VOCÊ PODE TIRAR-LA FOLHA  
POR FOLHA PARA OS MEUS  
POBRES. OS RICOS PENSAM  
QUE O OURO TRAZ FELICIDADE.



MAS OS ROSTOS DAS CRIAN-  
ÇINHAS POBRES GANHAVAM  
COR E ALEGRIA.



APESAR DE BELA A AUDORI-  
NHA NÃO ABANDONAVA O PRIN-  
CIPE APANHADA AS MISÉRIAS  
À FONTE DO PASSARO E BAL-  
TIA AS ASAS PARA MOLECER-SE

A ANDORINHA ENTÃO FOI ARRANCANDO, UMA POR UMA, AS FOLHAS DE OURO  
ATE QUE O PRÍNCIPE, PERDENDO TODO O BRILHO, FICOU FEIO E ESCURO.



POR FIM CHEGOU A NEVE. AS RUAS BRANCAS E BRILHANTES PARE-  
CIAM DE FRATA. COM SEUS BONÉS VERMELHOS OS MENINOS PATINAVAM.



UMA TARDE, SENTINDO QUE IA MORRER, MAL TEVE FORÇAS PARA VOAR  
YELA ÚLTIMA VEZ AOS OMBROS DO PRÍNCIPE E MURMURAR:

ADEUS QUERIDO  
PRÍNCIPE, QUERO  
BEIJAR SUA  
MÃO.

FICO FELIZ DE SABER  
QUE VOCÊ VAI AFINAR PARA  
O EGITO.



NÃO VOU PARA O EGITO. VOU FICAR  
A PARIS DE FRENTE A MORTE E  
A MÃE DO LONCO, NÃO É?



BEIJOU O PRÍNCIPE E  
CAIU MORTA A SEUS PÉS.

OS POLÍTICOS, QUE ERAM  
SEMPRE DA MESMA OPINIÃO DO  
PREFEITO, TAMBÉM EXCLAMARAM:

É MESMO,  
PARECE UM MENDIGO!



NO MESMO INSTANTE UM ESTRANHO  
ESTRELU DO SOU DENTRO DA ESTÁTUA  
COMO ALGO QUE SE QUEBRA.



DE FATO O CORAÇÃO DE BRONZE PARTIU-SE

NA MANHÃ SEGUINTE O PREFEITO  
E OS POLÍTICOS PASSEAVAM:

OLHEM BÔ! COMO O  
PRÍNCIPE FICOU HORROROSO!



E COM UM  
PASSARINHO  
MORTO AOS  
PÉS!



TEMOS DE PUBLICAR UM  
DECRETO PROIBINDO AS AVES  
DE MORREREM NESTA PRAÇA.



E O SECRETÁRIO ANOTOU A SUGESTÃO.

DEPOIS DERRUBARAM A ESTÁTUA DO PRÍNCIPE FELIZ. O PROFESSOR DE ARTE SENTENÇOU:



MANDARAM FUNDIR A ESTÁTUA NO FORNO, E O PREFEITO CONVOCOU UMA ASSEMBLÉIA DE HOMENS IMPORTANTES PARA DECIDIR O DESTINO QUE SE DARIA AO METAL.

TEMOS DE FAZER OUTRA ESTÁTUA, A MINHA, POR EXEMPLO

A MINHA!

NÃO, A MINHA!



AI, COMEÇARAM A DISCUTIR DE QUAL DELES SERIA A ESTÁTUA, E ATÉ HOJE AINDA ESTÃO DISCUTINDO

QUE COISA ESTRANHA! ESTE CORAÇÃO DE BRONZE NÃO SE DERRETE NO FORNO. O JEITO É JOGÁ-LO FORA.



E O CORAÇÃO DO PRÍNCIPE FOI ATIRADO PARA O MONTE DE LIXO, ONDE SE ENCONTRAVA TAMBÉM A ANDORINHA MORTA.



**Q**uero as duas coisas mais preciosas que houver na cidade - disse Deus a um anjo, e o anjo levou ao senhor o coração de bronze e a andorinha morta.

**B**oa escolha, pois esta ave cantará eternamente no meu jardim; e, na minha cidade de ouro, o príncipe feliz ficará comigo para sempre.



9ª Peulá: O LEVANTE DO GUETO DE VARSÓVIA

- Antes de novembro de 1940.

Quando os alemães invadiram a Polônia, a maior parte dos judeus os viam apenas como mais um pesado fardo a ser carregado.

A grande maioria dos judeus de Varsóvia eram apolíticos, mas haviam entre eles algumas organizações de caráter político: o BUND, partido internacionalista; os grupos sionistas e os comunistas.

- Novembro de 1940 a Janeiro de 1942.

Os judeus estavam presos ao gueto e governados pela JUNDERAT ( governo judeu, controlado pelos alemães).

Dentro do gueto ocorriam edições diárias de jornais impressos por todas facções judaicas.

Até o momento, existia um consenso de se fazer uma resistência passiva, mas sem ataques diretos contra os alemães. A maioria dos ataques eram dirigidos ao Junderat e a polícia judaica.

Alguns empregados de uma fábrica de tecidos, haviam remetido uniformes militares alemães totalmente alterados: botões em lugares trocados, bolsos virados para baixo, colarinho nas mangas, calças costuradas uma nas outras, etc.

Logo chegaram notícias de que os judeus em Vilna ( Rússia ) haviam sido massacrados, e o medo de que isso viesse a ocorrer no gueto, deixava a todos muito preocupados.

Os membros do BUND e dos grupos assimilacionistas diziam que era cedo demais para se pensar em ataques de represálias aos alemães. Os religiosos defendiam a posição de que lutar era contra os princípios da religião.

Os primeiros a organizarem grupos de resistência foram os nossos chaverim dos movimentos juvenis. Eles previam que o exército russo iria expulsar os alemães, e eles, em retirada, iriam realizar diversos pogroms.

Na verdade, isso não aconteceu, pois os alemães tinham outros planos muito mais terríveis que " pogroms " reservados para o gueto.

- Janeiro a Julho de 1942.

Nos primeiros meses de 1942, chegou ao gueto um enviado dos comunistas poloneses para organizar a resistência judaica. Dizia ele que fora do gueto, centenas de partizans combatiam o fascismo alemão e buscavam formar uma pátria polaca-socialista.

Os comunistas judeus rapidamente se organizaram e formaram um grupo de resistência que deu início a atos de sabotagem e operações tartarugas nas fábricas, engajados na frente nacional anti-facista.

Os movimentos juvenis sionistas, junto com os partidos sionistas e o BUND promoveram uma reunião, na tentativa de formar o seu grupo de resistência.

O BUND rechassou a idéia, mesmo após ser dada a informação de que milhares de judeus estariam sendo massacrados no resto da Europa.

Numa outra assembléia, os grupos sionistas de esquerda e os comunistas judeus organizaram e fundaram o Bloco Antifacista, dando início a atos de resistência.

A resposta alemã foi fulminante: no dia 18 de abril, 52 judeus foram retirados de suas casas, nas primeiras horas da manhã, e ali mesmo foram fuzilados. Entre eles, encontravam-se diversos membros da resistência, delatados por informantes.

Em maio, alguns grupos do Bloco deixaram o gueto e foram se unir aos partizans.

No dia 30 de maio, aconteceu outro abalo: os principais líderes foram apanhados, tentando trazer uma impressora para o gueto, levados para uma prisão e fuzilados.

Ainda não satisfeitos, os alemães impuseram a responsabilidade coletiva e sob esta ordem, fuzilaram 110 judeus, em resposta a atos de sabotagens.

Desta maneira, o Bloco Antifacista estava agora bastante desfalcado.

- Julho a setembro de 1942.

Neste período, deu-se início a deportação para o leste. Os alemães diziam que os judeus seriam enviados para colonizar os territórios do leste, recém conquistados. Na verdade, isto significava a morte em TREBLINKA, e foi o que descobriram logo cedo, os judeus do gueto.

A resistência precisava ser organizada, mas faltavam armas.

O escritório central da resistência polonesa em Londres, composta em sua maioria de anti-semitas, negava-se ao envio de auxílio para o gueto.

Os grupos de resistência que procuravam unir-se aos partizans, nem sempre tinham sorte e de vez em quando, ao escaparem dos alemães, eram assassinados por grupos de poloneses antisemitas.

Os grupos de resistência das esquerdas, uniram-se novamente e formaram o ZHOB ( agrupamento juvenil de luta contra os alemães ).

O ZHOB deu início a uma campanha propagandista para conscientizar os grupos judeus do gueto que a emigração significava a morte. Até mesmo o BUND conscientizou-se disto, mas a falta de armas fez com que seus grupos de resistência se dissolvessem.

Diversas tentativas de introduzir armas no gueto, haviam falhado.

Mas , no entanto, todo ato bem sucedido, alimentava o coração de nossos chaverim no ódio contra os nazistas.

Foram feitos diversos apelos aos aliados para que enviassem armas, mas o mundo silenciou. Até mesmo os judeus da América foram impedidos de ajudar seus irmãos.

A 20 de agosto, um membro do ZHOB feriu, em um atentado, o chefe da polícia judaica no gueto.

Outros membros realizaram atentados incendiários às fábricas que contribuíam de algum modo com os alemães.

Tudo isso não impediu que dos 350.000 judeus, que haviam sido confinados no gueto, não restassem mais do que 60.000 aos fins de setembro, e o gueto fosse redividido em 4 áreas.

- Setembro de 1942 a Janeiro de 1943.

O gueto de Varsóvia encontrava-se agora subdividido em 4 guetos: o central, o produtivo, o pequeno, e o dos fabricantes de escovas.

Todos os grupos de centro esquerda formavam o Comitê Nacional Judaico e os revisionistas, formavam a União Militar Judaica.

O maior problema encontrado, foi na aquisição de armas. Alguns grupos arianos entregavam, aos judeus algumas armas, mas o ZHOB necessitava de muitas mais. Grande parte do material de combate teve que ser confeccionado pelos próprios grupos. Algumas armas eram compradas a custos enormes de contrabandistas da cidade.

A 19 de outubro, o ZHOB começou a agir. Foram dadas sentenças de morte aos membros da polícia judaica e a todos aqueles que cooperaram com os alemães. Nesse mesmo dia foi assassinado Jacob Leikin, comandante da polícia judaica.

Ao mesmo tempo foi dado início a uma campanha de elevação da moral dos combatentes, incitando-os a salvar a honra perdida.

O setor ariano, através de contatos do BUND, formou a Zhegota, organização de patriotas que salvou perto de 20.000 judeus

lhes fornecendo cartões falsos de operários e passaportes ajudando crianças orfãs, colocando-as junto a pais adotivos ou em conventos.

As armas conseguidas com grande esforço, mal deram para equipar dois grupos: o Dror e o Hechalutz.

A resistência apelou aos judeus, dos EUA e do mundo, mas muito pouco ou nada pode ser feito.

A União Militar Judaica era o único grupo bem armado e treinado, que contava com 400 homens.

O Zheb resolveu começar a experimentar sua força. Dominou os guardas da fábrica Schutz e libertou 100 judeus que iam ser levados para Treblinka. Atacou uma padaria, roubando toda a produção do dia.

Achou que já era tempo de agir. E combinou começar no dia 22 de janeiro de 1943.

- O levante de 18 a 20 de Janeiro de 1943.

Himmler, numa visita ao setor judaico, de Varsóvia, ordenou que apenas 16.000 dos 40.000 habitantes permanecessem lá. Indignado com a demora para a sua solução final, ordenou que suas ordens fossem cumpridas a risca.

A 18 de Janeiro, os alemães deram reinício às deportações.

O Zheb, desconhecendo o plano alemão, foi pego de surpresa. Mesmo assim, imprimiu, às pressas, um panfleto que dizia:

" Judeus,

O inimigo partiu para a segunda fase de vosso extermínio !

Não vos resigneis a morte !

Defendei-vos !

Agarrai um machado, uma barra de ferro, uma faca !

Que eles vos levem assim, se puderem !

Lembraí-vos ! No combate reside vossa última esperança de salvação !

Lutai ! "

A luta começou imediatamente. Granadas foram lançadas contra as patrulhas alemãs. Até mesmo ácido e água fervendo foram empregados.

Os judeus defendiam-se como podiam. A luta era desigual, e rapidamente as balas nazistas derrubaram vários jovens combatentes.

Logo mudou-se de tática. Ao invés de atacar os alemães, o Zheb passou a atraí-los para os pátios das casas, e dos telhados,

atiravam neles.

Os combates seguiram-se até o dia 20. Mordechai Anielewicz chegou a ser capturado, mas conseguiu escapar.

Ao todo 6.500 judeus foram deportados, mas 20 alemães e 2 auxiliares polacos foram mortos, e mais de 50 foram feridos. Sem dúvida, um número insignificante, mas de grande valor psicológico.

Os alemães suspenderam as deportações e estavam amedrontados com a súbita resistência judaica.

Este momento foi aproveitado pelo Zhob, que apesar de enfraquecido, tornou-se o mais importante poder do gueto.

- Janeiro a Abril de 1943.

A ação do Zhob, em 18 de Janeiro, lançou sobre a resistência judaica novo impulso e novas responsabilidades.

O número de voluntários aumentou e se formaram 22 unidades de combate.

Os homens da resistência passaram a viver em comunidades, evitando o fator surpresa e estando, desta forma, unidos para entrar em combate a qualquer hora.

Os grupos eram constituídos por chaverim de todas ideologias, unidos pelo mesmo ideal: Honrar nosso povo.

A Armja Krajowa ( resistência polonesa ) e os guardas do povo enviaram algumas armas aos judeus do gueto, mas a maior parte do armamento era comprado em troca de muito dinheiro.

O Zhob também organizou uma cidade subterrânea de bunkers. Os bunkers tinham diversas saídas e se comunicavam alguns entre si e outros, com o exterior do gueto, para onde eram mandados muitos judeus.

Apesar de tudo, muitos judeus cooperavam com os nazistas. O Zhob passou a executar os traidores do povo judeu que entregavam seus próprios irmãos. Os alemães não se importavam por os judeus estarem matando a si próprios.

O Zhob pensava em seguir hostilizando os alemães, até quando fosse possível. Quando estes partissem para a destruição total do gueto, os grupos deveriam passar para o lado polaco e se unir aos partizans.

Os alemães estavam decididos a levar avante o plano de Himler, de conduzir o restante da população do gueto para Treblinka. Desta forma, tentou criar diversos grupos de colaboracionistas para localizar os cabeças da resistência. Ordenaram também aos diretores de fábricas e judeus ricos, que usassem de sua influência para chamar os judeus a se apresentarem vo-



luntariamente para "colonizarem o leste".

O Zhab agiu com determinação nestes casos, afugentando ou assassinando esses traidores.

a 16 de fevereiro, Himler emitiu uma nova ordem, temendo que a resistência judaica inspirasse o surgimento de outras rebeliões em Varsóvia. Ordenou a destruição completa do gueto. O gueto de Varsóvia deveria ser varrido do mapa.

Deveria-se, entretanto, retirar o que pudesse ser aproveitado, ou que tivesse algum valor.

Os alemães passaram a aterrorizar o gueto, enquanto preparavam sua operação final. Membros da polícia operária andavam pelas ruas atirando a esmo, ou entravam nas casas para torturar seus ocupantes.

O Zhab contra-atacou matando diversos alemães, oficiais da SS e membros da polícia operária, libertando prisioneiros, e deixando diversos feridos ou ainda, incendiando as casas que serviam de depósito para os alemães.

Os alemães revidaram, assassinando 200 judeus, entre os quais 14 eram crianças.

O Zhab suspendeu seus ataques, pois eram um preço muito caro, e não estava cumprindo com sua maior finalidade, que era salvar os judeus.

Toebbens, um judeu rico e colaborador dos alemães, tentou, desesperadamente, convencer os judeus a se apresentarem voluntariamente para colonizar o leste, mas fracassou por completo. O Junderat não mandava mais no gueto. Os judeus agora passaram a confiar mais no Zhab.

Por esta época, o Zhab apressou-se em salvar o maior número de crianças possíveis, levando-as para orfanatos e conventos.

A ajuda de fora já não era esperada, e os judeus dependiam somente de si próprios para viverem ou morrerem.

Os alemães logo iriam dar início a uma gigantesca operação, onde seriam utilizadas centenas de homens com a finalidade de extirpar o gueto de Varsóvia.

A operação estava prevista para durar 3 dias.

- O LEVANTE:

19 de Abril a 16 de maio de 1943.

Na madrugada do dia 19 de abril de 1943, os postos avançados do Zhab deram o alarma de que havia grande movimentação entre os alemães.

Na verdade, o gueto estava sendo totalmente cercado e às

6 horas da manhã, o gueto seria invadido por quase mil alemães.

O Zhob, rapidamente, fixou cartazes pelo gueto onde se lia: "Morramos com honra ! Ao combate ! Mulheres e crianças para os bunkers. "

Os alemães dividiram-se em duas colunas, uma seguindo só, e a outra acompanhada de tanques e um carro blindado. Todos cantavam animadamente, quando o Zhob deu ordem de fogo, e na coluna blindada, um tanque foi incendiado, 12 alemães caíram mortos, e outros tantos, foram feridos. Os alemães saíram correndo e os judeus, que haviam perdido um só homem, saíram em seu encalço, enquanto outros retiravam as armas dos alemães mortos.

Os alemães da outra coluna também caíram nas armadilhas do Zhob, e saíram em debandada, deixando para trás seus mortos e feridos.

O comandante alemão foi ter com o general Strop, contando-lhe do acontecimento e querendo pedir reforços aéreos e de artilharia pesada. Strop acalmou-o e assumiu o comando.

O general entrou no gueto e sentado numa praça, sob fogo intenso do Zhob, começou a expedir ordens.

Os alemães conseguiram desalojar alguns grupos, que em retirada, incendiaram a casa, que servia para depósitos dos bens roubados dos judeus.

A União Militar Judaica também hostilizava os alemães sem cessar, irritando-os ainda mais ao erguerem no telhado de sua posição uma bandeira azul e branca ( Israelí ) e outra vermelha e branca ( polaca ).

Às 4 horas da tarde, quando começaram a usar lança-chamas para desalojar os combatentes, 200 judeus haviam sido capturados e uns 250 haviam sido mortos. Cerca de 200 polacos, que ajudavam os nazistas, e quase uma centena de alemães, haviam sido mortos pelo Zhob.

O Zhob apelou para os representantes do governo polonês no exílio de Londres, mas nenhuma ajuda veio de lá, nem do resto do mundo. Alguns grupos do PPR ( partido comunista polonês ) e dos guardas do povo, e Armia Krajowa, tentaram auxiliar os judeus, atirando-lhes armas ou tentando explodir as muralhas.

Alguns judeus que conseguiram escapar do gueto, uniram-se aos partizans. Não foram todos que tiveram essa sorte de poder seguir combatendo. Muitos foram aprisionados e fuzilados por obra de delatores polacos ou por puro azar.

Dentro do gueto, a luta seguia casa por casa. Os judeus que conheciam perfeitamente cada centímetro do gueto, provei-

tavam-se disto para aplicarem ciladas nos alemães, que já contavam com mais de uma centena de mortos.

Os grupos de combate operavam isoladamente durante o dia, mas a noite reuniam-se para traçar os novos planos de ação.

Às 6 horas da manhã, do outro dia, os alemães entraram no gueto, encabeçados por um tanque.

O tanque foi, imediatamente, atacado com coquetéis Molotov, e incendiou-se, pondo os alemães a correr sob as balas dos combatentes.

Alguns grupos de polacos tentaram auxiliar os judeus, atacando os alemães que cercavam o gueto pelo lado de fora.

No gueto dos fabricantes de escovas, os alemães sofreram grandes baixas: 70 mortos e um grande número de feridos.

No dia 21 de Abril, Stoop ordenou que os operários do gueto se apresentassem, imediatamente, para viajar, mas seu apelo foi em vão, e apenas alguns judeus se apresentaram.

No gueto dos fabricantes de escovas, apertou-se o cerco, e foi atiado fogo nas casas. Mesmo assim, sete grupos com muitos civis, conseguiram escapar, mas muitos judeus morreram queimados ou fuzilados ao tentarem sair das casas em chamas.

Do lado ariano, 150 polacos foram fuzilados por terem tentado ajudar os judeus.

O Zhub pedia por armas ao mundo inteiro, mas o mundo silenciava.

Já havia passado os 3 dias que Stroop julgava suficientes, mas os combatentes ainda estavam de pé. Tentou, então, o combate casa por casa, e os judeus penetravam ainda mais para o interior do gueto, sem antes, no entanto, esvaziarem as munições que possuíam sobre os atacantes alemães.

Não necessitando mais do Junderat, os alemães se livraram deles: foram todos fuzilados.

Os judeus também usavam o fogo, mas para incendiar prédios que serviam de depósito para os alemães.

Até o momento, 700 alemães já haviam sido mortos e somente no dia 29, o Zhub resolveu que seria melhor evacuar o gueto.

Até o momento, os alemães utilizando-se de informantes judeus, a quem prometiam salvar a vida, haviam localizados diversos bunkers e feito muitas mortes.

Foram enviados dois emissários para fora do gueto, que conseguiram locais para esconder os judeus, antes que esses pudes-

sem seguir para a floresta e se unirem aos partizans. Um dos grupos cavou um túnel e seguiu para lá, mas ao retornarem dois companheiros para trazerem outros, grupos, foram descobertos e assassinados.

Tentou-se construir outro túnel, mas ao saírem do lado ariano, foram descobertos e assassinados, também.

O dia 1º de maio foi comemorado pelos combatentes, com ataques de emboscadas aos alemães. A luta prosseguia.

A 2 de maio, na rua Stawki, 36, numa fábrica onde eram recondicionadas peças de aviões, os alemães procuraram esvaí-la, mas combatentes armaram barricadas e travaram violento combate, retardando o avanço nazista. Os que conseguiram escapar com vida, seguiram para a rua Mila, 18.

No dia 4 de maio, Strop resolveu destruir completamente o gueto produtivo. Ateou fogo em todas as edificações, conseguindo que 456 judeus se rendessem, mas um número muito maior esperou até o último momento e escapou pelos telhados em chamas. À noite, diversos grupos escaparam pelas muralhas ou pelos esgotos.

Nos dias que se seguiram, (5 e 6 de maio) outros bunkers foram descobertos, mais de 1500 judeus foram aprisionados. Entre os bunkers descobertos, estava o da União Militar Judaica, onde todos os combatentes, ali encontrados, foram assassinados.

Os alemães contavam, cada vez mais, com informantes judeus que lhes delatavam os esconderijos de vários grupos, que estavam prestes a escapar do gueto.

Apesar de que a maior parte dos jornais de Varsóvia criticaram a ajuda polaca aos judeus e ridicularizarem a resistência do gueto, seguiam-se os assassinatos de alemães nas ruas de Varsóvia, como solidariedade aos nossos companheiros.

Na rua Mila, 18, ficava o bunker que servia de quartel general para o Zhab e para onde seguiam muitos combatentes, que conseguiam escapar, depois de hostilizar os alemães ou terem sido descobertos nos bunkers onde se encontravam.

Dentro do bunker, estavam 120 combatentes, mais 300 civis. Este bunker havia pertencido, anteriormente, a "Os cabeças duras", uma gang de bandidos e ladrões, chefiados por Samuel Aster, que recebeu o Zhab, quando este resolveu instalar lá, seu quartel general, colocando seus homens a sua disposição.

Antes de 8 de maio, o Zhab havia concluído que já era hora

de abandonar o gueto com o maior número de civis e combatentes. De nada adiantaria morrer com heroísmo, mas inutilmente.

Um partidário do Bund, em Varsóvia, conseguiu algumas cópias da planta de esgotos do gueto.

Organizou-se uma expedição de resgate, que seguiu para Mila, 18.

No dia 7, entretanto, através de uma denúncia de judeus capturados, Mila 18 foi descoberto. Alguns civis e os gangsters se entregaram, mas os combatentes e outros resolveram resistir até o fim. Os alemães arrombaram o bunker por cima, e entraram atirando granadas. Um grupo de combatentes que chegou por um túnel, tentou retornar com 14 companheiros, mas o caminho da fuga foi descoberto.

A luta durava duas horas dentro do bunker, quando os alemães lançaram bombas de sufocação. A maior parte de nossos chaverim encontravam-se mortos e feridos, não podendo mais resistir. Outros ainda se suicidaram, para não caírem prisioneiros. Entre eles, sucumbiu Mordechai Anielewics e a maior parte do supremo comando do Zhab. Apenas uns poucos amontoados em vão permaneceram vivos, quase sufocados pela fumaça, até que chegou, atrasada, a expedição de resgate, no dia seguinte.

A operação que havia sido prevista para durar 3 dias, durou um mês. Nossos chaverim não deixaram que a honra do povo judeu desaparecesse nos escombros do gueto, que agora ardia em chamas.

- Os combatentes das ruínas:  
16 de maio a setembro de 1943.

Até o dia 15 de junho seguiu-se alguns combatentes desesperados no gueto em ruínas. Como ratos, os judeus embrenhavam-se por locais inabitáveis, para que antes de morrer, matarem ao menos 1 alemão.

Alguns grupos estavam organizados, outros não. Muitos conseguiram escapar para o lado ariano, mas outros foram descobertos e mortos, mas não sem antes apresentarem forte resistência.

O único objetivo dos combatentes era sair do gueto para o "setor ariano", deixando para trás uma terra de ninguém, deserta e silenciosa.

- Depois de setembro de 1943.

Grande parte dos judeus prosseguiu sua luta contra os alemães. Muitos se engajaram aos partizans e outros ocultan-

do sua indentidade no Armja Kranowa para continuar a luta pela vingança.

Os judeus procedentestes de Varsóvia também tomaram parte na revolta de 3 de agosto, em Treblinka e na resistêcia, em outros campos. Os judeus desempenharam também um papel importante no levante geral de Varsóvia, em 1944.

A revolta foi esmagada, mas finalmente a 17 de janeiro de 1945, Varsóvia foi libertada.

Assim, termina a história da Resistência Judaica em Varsóvia.

Deve-se recordar que o levante final do gueto foi o conflito singular que durou mais tempo, na história de todos os movimentos de resistêcia da Europa ocupada. Dadas as circunstâncias sem precedentes em que se desenrolaram, os acontecimentos, essa é uma façanha de que nós, judeus, podemos nos orgulhar.

x x

Este relato foi baseado no livro "Morrer com Honra", de Leonard Tushnet ( editora Segal ).

Şabemos que o texto integral não se adapta a shichvá de tzofim.

Nossa idéia é de que as informações principais poderão ser dadas de forma que desperte a curiosidade dos chanichim.

Propomos que o snif seja forrado de folhas de jornais, e neles sejam pintados quadros da 2ª guerra, e do gueto, com tinta preta e vermelha. Esta decoração poderá ser aproveitada para um Kabalat Shabat Geral.

A bandeira da tnuá deverá ficar a meio pau, com uma faixa preta presa à ela. O mifkad deverá ser marcante, e seria positivo se não fosse praticado esportes no snif. Após as peulót das kvutzót poderiam ser ensinados os hinos: Techezakna e shir a partisanim fazendo-se no final da tarde um mifkad final.

Mesmo após as peulót, deve-se procurar seguir conversando com os chanichim a respeito do levante.

OBSERVAÇÕES: É importante que se ressalte que o levante armado foi pregado por nossos chaverim dos movimentos juvenis, desde o início da ocupação alemã quando os judeus foram colocados no gueto.

Para completar a peulá seria bom que cada chanich escreve-se algo a respeito do que ouviu e depois cada um lêsse para a kvu

zá, pregando-se no final, todos os papeis no iton kir.

IMPORTANTE: FORAM SUPRIMIDOS A MAIOR PARTE DOS NOMES DOS COMBATENTES RELACIONADOS NO LIVRO, COM FINALIDADE PURAMENTE DIDÁTICA.

TECHEZAKNA

Techezakna yedéi kol acheinu hamchonehim  
Afrot artzeinu baasher hem sham  
Al yipol ruchachem alizim mitronenim  
Bou sh'echem echad leezrat haam

SHIR HAPARTIZANIM HAIEHUDIM

Al na tomar hine darki haachroná  
Et or haiom histiru shmei haananá  
Ze iom nichsafnu lo od iaal veyavo  
Umitzadeinu od iarim anachnu pó

Meeretz hatamar ad iarketei kforim  
Anachnu po bemachovot veisurim  
Uvaasher tipat dameinu sham nigrá  
Halo ianuv od oz rucheinu bigvurá

Amud hashachar al iomeinu or iaal  
Im hatzorer iachlof tmoleinu kmo tzel  
Ach im chalila ihie acher lavo haor  
Kmo sisma yehe hashir midor le dor

Bichtav hadam vehaoferet hu nichtav  
Hu lo shirat tsipor hadror vehamerchav  
ki bein kirot noflim sharuhu kol haam  
Iachdav sharuhu venaganim beiadam

Al ken al na tomar darki haachroná  
Et or haiom histiru shmei haananá  
Ze iom nichsafnu lo od yaal veyavo  
Umitzadeinu od iarim anachnu po.

10ª PeuláIOM HATZMAUT -

Caso não haja uma comemoração geral do movimento nesta data, o madrich deverá dar uma sichá na kvutzá sobre o tema. Falar da Palmach, do heroísmo dos seus soldados, das lutas em emboscadas, sempre a minoria contra o grande número de inimigos. Contar a luta nos kibutzim ( ex.: do Kibutz Negba); a luta nas cidades.

O madrich poderá contar em maiores detalhes um trecho de terminado da guerra. Sugerimos por exemplo sobre as lutas em Jerusalém.

Jerusalém durante a Milchemet Hashichrur

Já é costume dos habitantes de Jerusalém dizerem que de cada 10 pessoas recebidas pelo mundo 9 couberam a Jerusalém, e na realidade, mesmo sem considerar a história tão violenta desta cidade no passado, os padecimentos de sua população durante a "Guerra de Libertação" são suficientes para que compreendesse este dito popular. Não foi com a declaração do estado, e consequentemente da Guerra, que teve início a luta em Jerusalém. Cem mil judeus e 60.000 árabes ali viviam, e já se encontravam em estado de guerra há muitos meses, e o sítio da população judaica pelos árabes e ingleses já haviam começado.

Por esta ocasião, Jerusalém era um núcleo judaico no coração de uma zona árabe, e a existência de uma maioria judaica na cidade propriamente dita, nada significativa. A estrada que ligava Bel Aviv a Jerusalém percorria diversos centros árabes por onde somente comboios de carros blindados e fortemente armados conseguiam muito raramente passar, e quase sempre pelo preço de muitas vidas. Ainda hoje, quando se viaja para Jerusalém, observa-se nas margens da estrada dezenas destes veículos de guerra improvisados que os árabes lograram destruir. A população judaica estava isolada e entregue aos árabes, e aos seus asseclas de então, os ingleses.

Na cidade Velha, completamente circundada pela antiga muralha, vivia uma minoria judaica de 1700 almas judias, congestionadas no pequeno bairro judeu. Limitando este bairro, se estendia por um lado o grande bairro muçulmano, e por outro lado o bairro Armênio. O caminho para a "Cidade Nova" e a porta de Sion, sobre o Monte Sion, encontravam-se ambos em zonas árabes.



Na "cidade nova", no coração da Jerusalém Judia, os ingleses criaram suas "zonas militares" fechadas e cercadas por densos rolos de arame farpado, nos quais se fortificou o exército britânico. Nestas "zonas" esperavam os ingleses encontrar um refúgio seguro frente aos combates entre árabes e judeus, que eles mesmos instigavam. Ademais, podiam espionar os judeus e a bastecer os seus amigos árabes seja de armas como de informações sobre os movimentos dos defensores judeus.

Uma destas zonas militares, se encontrava na "Rechov Yafo" (correspondente em importância urbana à Av. São João de São Paulo ou Rio Branco do Rio). Nela, mantinha sua sede a polícia secreta britânica, que por aquela ocasião estava aparelhada pelos melhores "especialistas" de todo o império colonial inglês. A segunda destas zonas, situava-se "por coincidência" na Rechov George V, ao lado do edifício da Sochnut, usado naquela época como sede da Haganá. Outros 2 zonas foram criadas uma na entrada do bairro religioso do Mea Shearim, outra na parte norte da cidade. Como se pode facilmente perceber, além das finalidades já citadas, estas tais "zonas" separavam os diversos bairros judeus da cidade para retalhar a população e anular sua defesa contra os invasores árabes.

No dia seguinte à decisão das Nações Unidas em dividir a Palestina criando o Estado de Israel quando toda a cidade vibrava de alegria e de emoção, uma multidão de terroristas árabes, provenientes da cidade velha, invadiu o centro comercial judeu situado ao lado da Porta de Yaffo, e cercado por ruas árabes. Uma multidão selvagem e enraivecida pela instigação inglesa, irrompeu pelas lojas judias para saquear e destruir com o apoio e o estímulo da polícia britânica, cujo quartel general estava ali mesmo. Os homens da Haganá não obstante a situação perigosa e difícil acesso ao local cercado por árabes e ingleses, procuraram introduzir-se nele. Mas a polícia inglesa interveio com sua milícia, prendeu os rapazes da Haganá, confiscou as poucas armas e deu plena liberdade aos árabes que conseguiram por fim destruir o centro comercial cujos edifícios foram reduzidos a escombros.

De acordo com seu plano para reduzir o país ao caos, os ingleses aumentaram os sofrimentos de Jerusalém. Cortaram o abastecimento de água para a cidade, e depois disto o de energia elétrica. Além disto o terrorismo vil e covarde não deixou de ser empregado afim de deprimir e amedrontar mais ainda a po-

pulação. Uma poderosa bomba foi deixada pelos ingleses na sede do jornal "Jerusalém Post" cujas instalações, redação e tipografia foram completamente destruídas pela explosão. Noutra ocasião caminhões militares, acompanhados por um jeep da polícia britânica, estacionaram na Rechov Ben Yehuda, os motoristas dos caminhões desceram e tornaram a subir no jeep que se afastou velozmente; poucos minutos depois os caminhões explodiram, causando inúmeras vítimas e destruindo vários edifícios. Isto se deu a 2 de fevereiro de 1948. No dia 11 de março do mesmo ano, foi introduzido astutamente no pátio do edifício da Sochnut, um veículo do Consulado Americano, com o respectivo emblema. O chofer, um árabe afastou-se e poucos minutos depois, uma nova explosão abalava o coração do movimento sionista e sede do comando da defesa judaica. A explosão quase que destruiu por completo a parte do edifício onde se instala o K.K.L. e causou a morte de dezenas de pessoas entre as quais o então diretor do Keren Kalessod.

Mas a população de Jerusalém que a esta altura da situação já começava a padecer fome e sede não se deixou abater por nenhum destes golpes terroristas e traiçoeiros. As forças da Haganá nem por um minuto sequer deixaram de agir, e pouco a pouco foram sendo conquistados os bairros árabes e de lá expulsos e eliminados os focos terroristas. Assim, foram sendo conquistados Katamon, Yemim Moshe (primeiro núcleo residencial judaico construído fora das muralhas da cidade antiga, por Moshe Montefiore em 1860), Mekor Haim, etc.

#### IOM HATZMAUT EM ISRAEL

Ao entardecer, quando termina o dia da Recordação com sua tristeza, o país inteiro começa a celebração da festa da Independência, com o maior regozijo. A celebração inclui diversos programas de entretenimentos e apresentações especiais que se prolongam até a noite do dia seguinte. Toda cidade, todo kibutz, toda aldeia de Israel, se unem em uma atmosfera festiva na qual se juntam canções e bailes, ao som da música de numerosas orquestras, com a decoração de edifícios, ruas, praças e locais públicos com cartazes, iluminação, flores e bandeiras.

Sobre plataformas especialmente construídas, grupos de profissionais e de amadores, ou indivíduos sozinhos apresentam danças (a rigor em coloridas vestimentas) e nos intervalos se formam as rodas de danças com o povo conduzidas pelos mais entusiastas.

Todo kibutz e toda colonia realizam as próprias celebrações que incluem uma cerimonia festiva, uma cena celebratória e entretenimentos apropriados a todas as idades. A mais das celebrações e decorações e da iluminação, as tochas e os fogos de artifício sobre as montanhas produzem uma profunda impressão, como se o país inteiro, fisicamente, estivesse tomando parte das celebrações.

No resto dos lugares, depois da concorrência aos serviços especiais em ação de graças, as famílias se reúnem em um jantar festivo. Muitos são os que sentam à mesa em companhia de parentes e amigos, e às altas horas da noite muitos israelís acorrem às ruas e aos cafés. O regozijo se prolonga até bem tarde da madrugada seguinte.

No dia seguinte, se sucedem diferentes programas desde a manhã até altas horas da noite. Alguns dos ditos programas realçam magnitude nacional. Outros são organizados por localidades e colonias, respondendo a necessidades locais.

Durante muitos anos, um dos principais acontecimentos de Iom Hatzmaut se constituiu o grande desfile militar (que se efetuava em uma das grandes cidades, rotativamente), que destacava a importancia de Tzahal, o exército de Defesa de Israel, de cunho popular. A partir de 1968 deixou de celebrar-se o desfile militar do Dia da Independência. Não obstante, se resolveu que para 1973, em ocasião do 25º Aniversário da Criação do Estado de Israel, o dito desfile voltará a ser feito.

Durante a manhã do dia da Independência se celebra um Certame Bíblico para jovens procedentes de todo o mundo. A organização do certame em Israel conta com os auspícios da Gadná (corpo para-militar). Jovens de ambos os sexos competem pelo título de campeão em seus respectivos países, nos que se realizam certames de eliminação com vista à prova final a realizar-se em Israel. A dita prova propagada pelo rádio e televisão locais, goza em Israel de grande popularidade.

Pela tarde, em presença do Presidente do Estado, em Jerusalém, tem lugar uma solene cerimonia na qual se entregam os renomados Prêmios Israel a quem se destacou por sua obra em todos os campos do esforço cultural (humanidades, ciencias, artes). Os prêmios são outorgados anualmente pelo governo de Israel e a cerimonia é propalada pelos serviços de difusão do Estado.

Também se efetuam concorrências desportivas que têm um caráter particularmente festivo e atraem a milhares de espectadores. A cidade de Haifa tem nesse sentido uma tradição interessante, como o desfile de dezenas de grupos de dançarinos vestidos com roupas coloridas e acompanhadas por bandas de música. Estes grupos vão passando pelas ruas centrais enquanto vão cantando e dançando ao som da música, e numerosos espectadores se unem a eles com entusiasmo.

De noite tem lugar no "Binianeí Haumá" (edifício em que se realizam as grandes convenções), em Jerusalém, um festival de canções que se propaga por rádio e televisão.

Centenas de poetas e compositores participam do mesmo e os executores das canções que são selecionadas com vistas a dita função se contam entre os artistas mais famosos do país. O público assistente ao ato, assim como o que se havia reunido em certas localidades fixadas de antemão, elegem aos ganhadores.

Milhares de israelís convertem a data em ocasião de picnic, viajando para vários lugares. Bosques, parques, se enchem nesses dias de gente de todas as idades. Os kibutzim, os Moshavim e outras colonias programarão programas especiais que compreendem pic-nics, entretenimentos do tipo luna-park, concorrências desportivas, excursões, etc.

Antecipando-se o dia da Independência têm lugar outros acontecimentos festivos. Um deles é o Campeonato Bíblico Internacional para adultos, que se celebra cada tres anos. Esse Campeonato Bíblico se propaga por rádio, sendo seguido por milhares de ouvintes e presenciado por um público entusiasta. Tanto prestígio tem o acontecimento que o Presidente do Estado e muitas das altas autoridades do país se encontram assistindo ao mesmo.

Outro acontecimento popular é a Caminhada na zona adjacente a Jerusalém. Nessa Caminhada tomam parte milhares de israelís e de visitantes do estrangeiro. Os participantes pertencem a ambos os sexos e a todas as idades, vêm em grupos ou individualmente. Eles compõem uma mostra típica de Israel e de seus simpatizantes no exterior. Tomam parte na Caminhada judeus e cristãos, drusos e árabes. Antigamente existiam os peregrinos. Hoje em dia, milhares de pessoas que comumente se utilizam de automóveis ou de veículos públicos, se voltam a Jerusalém marchando, passando a pé pelas aldeias e cidades dispostas ao largo do caminho que cruza os Montes da Judéia. Caminham cantando e passam a noite em acampamentos especiais, em barracas ou em

torno das fogueiras, há os que contam histórias, prolongam as músicas e se divertem. O ponto culminante constitui-se a entrada na capital. As coloridas colunas chegam cantando, batendo palmas, tocando música ou dançando, sendo aplaudidos pela multidão, disposta ao largo das ruas, brindando-lhes com uma entusiasta recepção de boas vindas.

x x x x x x x x x x x x x x x x

Observação: Decorar o cheder com alegorias comemorativas a data. procurar fazer os chanichim sentirem-se num ambiente festivo.

## 11ª peulá

### DIAS DO OMER -

" E os havereis de contar desde o dia seguinte do sábado, desde o dia em que oferecestes o omer da oferenda medida; sete semanas serão cumpridas; até o dia seguinte do sétimo sábado contareis cinquenta dias; então deveis fazer nova oferenda a Deus"

(Levítico XXIII)

Cinquenta dias se contam entre PESSACH e a festividade seguinte SHAVUOT ( sem contar Iom Hatzmaut) ; este período é conhecido com o nome de SEFIRAT HA OMER, dias do Omer.

Por ocasião da passagem de PESSACH, no segundo dia desta festa, é feita a oferenda da cevada recém recolhida, cuja quantidade era antigamente determinada pelo OMER, medida agrária daquela época.

Dai se origina o nome deste período de sete semanas, pois que estas se contavam a partir da oferenda do "Omer": "Sefirat" significa em hebraico: contar. Seguindo tão exposto preceito bíblico, os judeus contam sete semanas entre PESSACH e SHAVUOT, festa que comemora a promulgação da Lei.

Na história judaica, este período de "Sefirat Haómer" recorda nefastos acontecimentos.

Sob o reinado do Imperador Adriano (século II da era Cristã), uma epidemia causou a morte de 24.000 discípulos de Rabi Akiva, chefe espiritual dos judeus de então. Na Idade Média, durante as cruzadas também nestas semanas se realizaram matanças de judeus.

Por isto a SEFIRAT veio a converter-se para os judeus das gerações posteriores, num período de semi-luto. São suspensas todas as atividades festivas, não se celebram casamentos nem concertos. A única exceção é o 33º dia, que se conhece com o nome de LAG BAOMER.

LAG BAOMER dissipa, durante um dia, a tristeza das sete semanas do omer. Acontecimentos felizes, sucessos especiais nesta data, deram-lhe um caráter festivo. Deixam-se as recordações tristes de um lado, e o ânimo abatido se alegra na recordação dos acontecimentos felizes.

LAG BAOMER é uma festa nacional. Comemora principalmente a revolta de Bar Kochba, que representa a última tentativa dos judeus para reconquistar sua terra (ano 3.892-ano 132 D.C.). Sob a direção espiritual de Rabi AKIVA, e com o comando do arrojado BAR KOCHBA, foi realizado o atrevido empreendimento. Estava destinado

ao fracasso desde o início, devido a incontestável superioridade numérica dos romanos; porém, tal acontecimento chegou à História como um exemplo edificante de valentia indomável e de inolação em árrias da liberdade.

Outro acontecimento que LAG BAOMER evoca, se relaciona com Rabi AKIVA e seus discípulos: ocorreu que no trigésimo terceiro dia do omer, a epidemia que havia acometido o grupo, cessou subitamente seus mortíferos efeitos; e desde então, LAG BAOMER se converteu em dia de regozijo.

A passagem de LAG BAOMER também está vinculada à recordação de Rabi SIMEON BEN YOACHAI, figura legendária do misticismo judaico, sábio do século II da era comum, que antes de morrer rogou a seus discípulos recordar a data com alegria.

LAG BAOMER, oásis de alegria num período de luto, celebra-se pois com cerimônias em que a vida retoma seus aspectos. Devido a que se levanta a proibição de celebração de festas, casamentos e reuniões, que prescrevem os dias do omer, LAG BAOMER é uma festa na qual se realizam numerosos casamentos em todas as comunidades israelitas.

É recordada a data na Diáspora, com a realização de picnics e festas campestres, nasquais deverá se desenvolver um programa esportivo bastante grande e programações especiais para as crianças, com o relato da história epopéia de BAR KOCHBA e seus companheiros.

Aliás, a parte histórica e legendária da revolta de BAR KOCHBA e seus comandados, está cheia de relatos pitorescos, mistos de história e lenda, um conjunto de exaltação ao heroísmo na defesa de sua fé, ultrajada pelo dominador romano, em sua tentativa de enfraquecer as tradições milenares que haviam legado os ancestrais hebreus.

É sempre interessante esta parte histórica, pois a criança que toma contato com os aspectos deploráveis da atualidade ainda recente, de um sacrifício inarravel e incompreensível de 6 milhões de almas, como cordeiros a caminho do matadouro, renova-se em sua confiança na auto-defesa judaica, com a renovação de nossos dias dos heróicos feitos destes combatentes de BAR KOCHBA, cuja epopéia teve uma brilhante repetição em nossos dias, no heróico levante do GUETO DE VARSÓVIA, uma luta desesperada e sem esperanças, unicamente para proclamar ao mundo a capacidade judaica de luta e defesa do direito humano de viver segundo as tradições e costumes de nossos antepassados, suas crenças e prescrições religiosas.

### LAG BAOMER EM MERON

Os festejos máximos de LAG BAOMER são realizados em MERON, povoado próximo a Safed(TZFAT), em Israel, onde se encontram os túmulos de Rabi Shimeon Ben Yoachai e Rabi Eliezer, seu filho. A lenda conta que tendo Rabi Eliezer primeiramente sido sepultado em outro povoado, ocorreu que os habitantes de Meron eram constantemente perturbados em seus sonhos pelo pai, Rabi Shimeon, o qual perguntava: " Eu tenho tão somente um olho direito; porque não o trazem para mim? " - E então vencendo as dificuldades do assunto os habitantes de Meron conseguiram trazer o corpo de Rabi Eliezer para o lado de seu pai, e os sonhos dos habitantes de Meron não foram mais perturbados.

É conhecida a famosa frase de Rabi Shimeon, que viveu no segundo século da era atual, que dizia: "Há muitas dádivas que o SENHOR agraciou a Israel, porém cada uma delas foi obtida com sofrimento ... e uma delas a terra de Israel" .

Como desejava em seu último desejo, a morte de Rabi Shimeon, é comemorada com festejos, com a presença de numerosos peregrinos que visitam sua tumba, e a seguir participam das cerimônias no Monte Meron.

Ali ardem fogueiras, ao redor das quais se executam danças e cantos talmúdicos e chassídicos, que duram até o amanhecer . E desde o Monte Meron brilha na noite a luz, como outrora brilhara a sabedoria do sábio Rabi Shimeon, para maior gloria de Israel.

### RABI AKIVA

Depois da morte do Rabi Josué Ben Hananias, o pacífico, começou a exercer uma influência poderosa sobre os judeus o célebre tanaita Rabi Akiva Ben José, que aspirava, ao contrário daquele, que o povo se levantasse abertamente contra os romanos. A vida deste homem singular está cheia de feitos extraordinários. Em sua juventude havia sido muito pobre e trabalhara como pastor na casa de Calba-Sabua, rico habitante de Jerusalém. A filha deste RACHEL, enamorou-se do pastor, e concordou em ser sua esposa sob a condição de que ele se dedicasse ao estudo.

O pai de Rachel, que se opunha a este enlace, expulsou-a de casa, e ela vivia com o esposo, em grandes dificuldades pecuniárias.

AKIVA entregou-se ao estudo, deixou sua amada esposa, e vagou de cidade em cidade, aprendendo a lei em diversas Academias. Durante a ausência do marido, a miséria de Rachel chegou a tal extremo que um dia viu-se obrigada a cortar sua magnífica cabe-



leira e vende-la para aliviar a fome. No entanto, aguardou pacientemente o espôso, AKIVA, com a certeza absoluta de seu êxito, e, realmente, muitos anos depois, regressou Rabi AKIVA, transformado em famoso tanaíta, e acompanhado de grande número de discípulos. Sua fiel mulher acolheu-o jubilosamente, e seu sogro reconciliou-se com ele.

Rabi AKIVA era então considerado como o mais eminente tanaíta depois de Hilel. Dizia-se dele, que acrescentava "Montanhas de leis a cada ponto da Torá", isto é, que deduzia dos mandamentos da Torá muitas outras leis e preceitos.

Como até então se haviam acumulado grande quantidade de leis e preceitos em tradições orais, Rabi AKIVA as colecionou e as ordenou, tomando esta recopilação que se estudava nas academias religiosas, o nome de "Mishnaiót Rabi Akiva".

Porém, Rabi AKIVA não se limitou apenas a ser o guia espiritual; aspirou também intervir nos assuntos do governo e lutar pela liberdade de seu povo. Odiando os romanos, como inimigos da religião hebraica, sonhou toda a sua vida com que os israelitas se libertassem de seu jugo e reconstruíssem o Templo; todavia, nos tempos do Imperador Domiciano, dirigiu-se com outros tres tanaítas à Roma, para implorar ao Imperador a abolição de várias medidas decretadas contra seu povo. Quando os tanaítas se aproximavam de Roma, perceberam ao longe o bulício desta cidade alegre e tumultuosa, os companheiros de AKIVA romperam a chorar. Afluiu-lhes à memória a recordação de sua própria capital, Jerusalém, destruída, abandonada, desolada, enquanto a capital do inimigo se lhes deparava florecente.

Mas, AKIVA lhes observou: " Para que chorar? Se Deus faz tantas mercês aos que não cumprem sua vontade, em que medida não irá recompensar os que a cumprem? "

Em outra oportunidade, passeava AKIVA com seus companheiros pelos arredores da devastada Jerusalém. Ao aproximar-se do Monte do Templo, viram sair dentre as ruínas um chagal alimária do deserto. Os companheiros de Rabi Akiva, lamentaram-se então amargamente, em presença das sagradas ruínas; ele, entretanto, sorria.

" Por que sorris ? - perguntou-lhe um dos companheiros.

" Se se cumpriram as palavras de nossos profetas- respondeu Rabi Akiva - de que Sion será convertida em um deserto, cumprir-se-á também algum dia a profecia de que Jerusalém será restaurada ".

O ideal da libertação do povo judeu não abandonou jamais Rabi Akiva, tendo as desordens e revoltas do povo nas épocas de Adriano e Trajano, fortalecido nele esta esperança. Percorreu então diversas cidades da Palestina exortando os judeus à uma rebelião contra os romanos.

## A R E V O L T A D E B A R K O C H B A

Enquanto na antiga Palestina se faziam os preparativos para um levantamento armado, surgiu um homem excepcional, que se colocou à frente do povo judeu.

Era SIMEÓN BAR KOCHBA (o filho da Estrela), guerreiro valeroso e possuidor de força hercúlea.

O chefe espiritual dos judeus, Rabi AKIVA, reconheceu em BAR KOCHBA o chefe militar, e se uniu a ele para trabalharem de comum acordo.

Acreditava então o Rabi Akiva, que Bar Kochba fosse este libertador do povo judeu, que anunciara o profeta ao dizer:

" - Levantar-se-á uma estrela da estirpe de Jacob".

Muitos judeus uniram-se a Bar Kochba, seguindo o exemplo do eminente Rabi Akiva. De todas as províncias romanas da Ásia começaram a afluir dezenas de milhares de combatentes judeus, para colocar-se sob o estandarte deste novo chefe, BAR KOCHBA.

E, Bar Kochba se vangloriava deste exército, dizendo:

"- Deus meu, se não queres ajudar-nos, pelo menos não ajudes tampouco nossos inimigos, pois também neste caso venceremos seguramente".

E, efetivamente, inicialmente os judeus obtiveram brilhantes vitórias. O procurador romano Rufus não pode resistir, com as escassas tropas que mantinham a ordem nas cidades palestinas, ao poderoso exército dos insurretos. Dirigidos por seu combativo líder BAR KOCHBA, as forças judaicas foram tomando uma após outra fortaleza, e afugentando os romanos de quase todas as cidades da Palestina.

Em pouco tempo, achavam-se nas mãos dos judeus cinquenta praças fortes e perto de mil cidades e aldeias (132 D.C.).

Antes que a notícia da revolta chegasse à Adriano, o Imperador romano, os soldados romanos da Judéia já estavam derrotados, onde quer que fosse, fim que também teve o segundo exército que posteriormente o imperador enviara como reforço a Rufus, o procurador romano.

O líder rebelde BAR KOCHBA converteu-se então em Governador da Judéia, até mandando cunhar moedas com seu nome. O poderio de seu exército, a maior parte de suas tropas, estavam na fortaleza de BETAR, nas montanhas ao redor de Jerusalém.

Aterrorizado pelas vitórias dos judeus, o Imperador romano enviou imediatamente contra eles o mais destacado comandante militar de seu tempo, o general Julius Severo.

Como o exército judeu ocupasse uma excelente posição defensiva, o general romano evitou de início uma batalha decisiva, e tão somente atacava grupos isolados, destruindo-os.

Por fim, foi obrigando os rebeldes a irem se retirando para BETAR, onde BAR KOCHBA e suas tropas fortificaram; mas os romanos então sitiaram a praça, mantendo o cerco por mais de um ano. Os judeus, que em grande quantidade se haviam encerrado na pequena cidade, defenderam-se heroicamente, enquanto os sitiantes também desenvolviam extraordinária energia.

Para conter a situação, BAR KOCHBA devia utilizar muita energia e repressões severas, tornando-se mesmo um pouco impopular, apesar de sua incontestável liderança na luta.

E finalmente, após uma desesperada resistência, esgotaram-se as forças dos sitiados, e Julius Severo tomou a cidade, (Ano 3895 - 135 D.C.), fazendo um massacre feroz em Betar.

Dezenas de milhares de judeus pereceram nesta guerra, sucumbindo também o caudilho da insurreição, BAR KOCHBA.

Este foi um triste epílogo para a luta heróica dos combatentes de BAR KOCHBA, que ficou na história como um exemplo excepcional da resistência do povo judeu à violação do direito à sua fé e tradições, como direito inerente dos povos e indivíduos de crer e defender seu direito até o último alento.

Observação: Caso não haja nenhuma atividade programada pelo snif o madrich deverá complementara peulá com jogos ou trabalhos manuais.

## 12ª PEULÁ

### JUSTIÇA

- Alguém está fazendo uma prova e um colega pede cola. O professor vê, e diz: Para que tu estás dando cola? Se não me disseres, eu tiro a tua prova. Ele aponta a colega.

Certo ou Errado?

- Uma pessoa sofre um acidente e perde os sentidos. Um homem vê e coloca a pessoa no seu carro, levando-a para o hospital. Ao chegar lá, os médicos dizem que ele morreu porque foi removido do local.

Certo ou Errado?

- Um velho e um rapaz estão caminhando pela rua à noite. De repente surge alguém atrás e leva a mão ao bolso, como se fosse pegar uma arma. O rapaz se vira, tirando uma arma e mata o homem. Quando a polícia chega, constata que o morto não possuía qualquer arma. O velho diz que foi ele que matou o sujeito.

Certo ou Errado?

- Dois amigos estão perdidos no deserto. Eles só tem uma garrafa de água. Se um deles beber poderá se salvar, se ambos beberem, os dois morrerão. Quem deve beber?

O que é Justiça? Ela é igual para todos. O que é que nós sabemos a respeito dela?

É justo que haja:

- Ricos e pobres
- Brancos e negros
- Pessoas sadias e aleijados
- Chefes e empregados

Por quê?

OBS: Esta peulá visa despertar o chanich ao sentido do que seja justiça. O madrich deve levar o assunto de acordo com as respostas dos chanichim, colocando-os sempre em discordância. O importante é ressaltar que nem sempre a justiça é igual para todos.

Deve-se falar das leis que regem o país. Pode-se falar ainda da kupá da kvutzá, ressaltando-se o aspecto da igualdade como fator de justiça.

Esta peulá dependê principalmente da maneira como o ma drich irá conduzi-la .

Trabalhos maunuais: Construir uma balança, símbolo da justiça.

Material : uma base de madeira, quadrada, de 5 cm<sup>2</sup> e 2 cm de espessura. 1 madeira comprida de 20 cm. 1 arame grosso, de 40 cm. cartolina e cordão.

Procédimento:

1. Faça um furo no centro da base de madeira .
2. Introduza no furo a vareta de 20 cm .
3. Faça uma meia lua com arame , dobrando as duas pontas para cima .
4. Recorte na cartolina duas rodas de 8 cm de diametro . Faça tres furos e prenda com um cordão nas pontas do arame . Encaixe o arame na ponta da vareta , escavando-a um pouco .
5. Quando tiver encontrado o centro de equilibrio , enrole com durex o arame dos dois lados da vareta .

Hoje nós vamos falar sobre a amizade. Quem sabe o que é amizade? Eu sei que é muito difícil definirmos exatamente o que seja amizade, por isso vou lhes contar um conto que talvez ajude.

Há muitos anos atrás viviam em Israel 2 irmãos que trabalhavam no campo.

Ambos se gostavam muito e viviam felizes. Certo dia o irmão mais velho conheceu uma moça e se apaixonou por ela. Algum tempo depois casaram-se e os dois irmãos dividiram o campo. Metade ficou para o que havia casado e a outra metade para o que continuou solteiro.

Os dois irmãos continuaram se dando muito bem e trabalhando juntos.

Quando chegou a época da colheita, estava o irmão que havia ficado solteiro em sua tenda quando pensou:

" Eu não tenho família para sustentar, pobre do meu irmão que é casado e tem família para sustentar". Saiu de sua tenda foi até o campo, pegou metade de sua colheita e colocou junto com a colheita do irmão. Nesta mesma noite o irmão que era casado não conseguia dormir e pensou:

" Eu sou feliz, tenho família e tenho quem cuide de mim, pobre do meu irmão que não possui ninguém". Levantou-se, foi até o campo e colocou metade da sua colheita junto com a colheita de seu irmão. No outro dia quando ambos acordaram viram que os dois montes estavam iguais mas não falaram nada.

Assim durante 3 noites primeiro um depois o outro, ambos procuravam ajudar um ao outro.

Na 4ª noite aconteceu que eles se encontraram e então compreenderam como era bonita sua Amizade.

Deus que assistiu a tudo aquilo abençoou aquela terra e muitos anos mais tarde o Rei Salomão ali construiu Jerusalém.

O que é ser amigo? Todos na kvutzá somos amigos? Uma kvutzá unida é melhor ou pior? O que podemos fazer para sermos mais amigos? Todos nós no Ichud somos amigos?

Que tal fazer-mos um hino para a kvutzá?

JOGOS: reconhecer pelo tato: -Um chanich sai do cheder e todos trocam de lugar. Ao voltar com os olhos vendados, ele com as mãos deverá ir reconhecendo seus chaverim.